

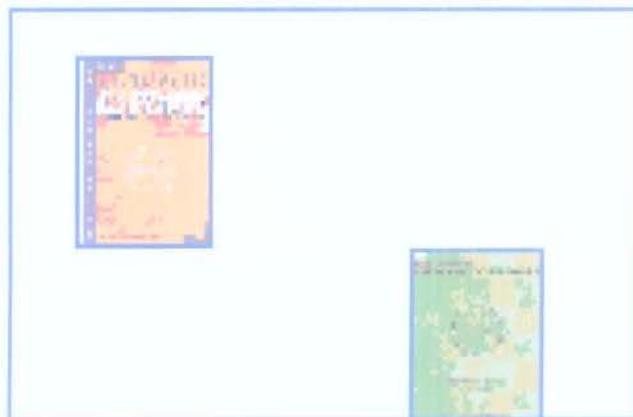
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Marina Kayoko Karuka



**A RBCE e os Anais dos CONBRACEs:  
o gênero, o sexismo e a  
Educação Física em suas páginas**



Campinas  
2005



**Marina Kayoko Karuka**

---

**A RBCE e os Anais dos CONBRACEs: o gênero, o sexismo e a  
Educação Física em suas páginas**

---

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação) apresentado à Faculdade de  
Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas para obtenção do  
título de Licenciada em Educação Física.

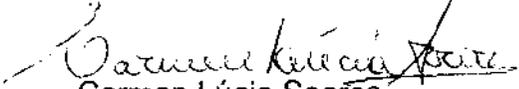
**Orientadora: Carmen Lúcia Soares**

Campinas  
2005

**Marina Kayoko Karuka**

**A RBCE e os Anais dos CONBRACEs: o gênero, o sexismo e a  
Educação Física em suas páginas**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura defendido por Marina Kayoko Karuka aprovado pela Comissão julgadora em: 18/10/05.

  
Carmen Lúcia Soares  
Orientador

Lívia Tenório Brasileiro  
Membro da banca examinadora

Campinas  
2005

# **Dedicatória**

*Dedico este trabalho à minha família.*

# Agradecimentos

*Agradeço, primeiramente, aos meus pais, irmãs e irmão pelo apoio que recebi ao longo desses anos de graduação.*

*Agradeço também a minha orientadora, prof<sup>a</sup> Carminha, que me acompanhou ao longo desse último ano, sempre cuidadosa e atenciosa e, por vezes, mais empolgada do que eu com o meu próprio trabalho. Sua disposição, seu compromisso e seu inesgotável interesse em estudar, contribuíram muito para a elaboração dele.*

*Não posso me esquecer do Beeroth e demais funcionários do setor de Informática da FEF. Às vezes, cumpriram mais do que os seus papéis de funcionários.*

*Finalmente, sou grata a todos que contribuíram de alguma forma, despertando meu interesse pelo tema da pesquisa ou trazendo idéias para a elaboração do trabalho.*

KARUKA, Marina K. **A RBCE e os Anais dos CONBRACEs: o gênero, o sexismo e a Educação Física em suas páginas.** 2005. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

## **RESUMO**

---

---

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, analisa a produção acadêmica sobre as questões de gênero na Educação Física, tomando como fontes documentais a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e os Anais dos Congressos Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACEs). Para o seu desenvolvimento foram consultados os volumes publicados durante os seus primeiros 24 anos de existência - de 1979 a 2003.

O período pesquisado revela-se fundamental uma vez que é neste recorte do tempo que o movimento feminista afirma-se em diferentes países europeus e nos EUA, apresentando importantes repercussões no Brasil. Este é também o período no qual tem início, de uma forma mais sistemática, os estudos de gênero e a utilização do gênero como categoria de análise, conforme indicam os estudos de Scott (1995).

Procura-se, então, a partir das fontes analisadas e dos referenciais teóricos sobre gênero utilizados, compreender como esta temática foi tratada pelas(os) pesquisadoras(es) da Educação Física.

Palavras-Chaves: gênero; sexismo; Educação Física; Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE).

KARUKA, Marina K. **A RBCE e os Anais dos CONBRACEs: o gênero, o sexismo e a Educação Física em suas páginas**. 2005. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

## **ABSTRACT**

---

---

This research, of bibliographic characteristic, analyses the academic production about gender issues in physical education, taking as documental sources the Brazilian Sport Sciences Magazine and the annals of Brazilian Congresses of Sport Sciences. To develop this research, were consulted the tomes published during its first twenty four years of existence – from 1979 to 2003.

The researched period is fundamental, since in this time piece the feminist movement affirms in different countries in Europe and in the United States, introducing important reflections in Brazil. This is also the time that, more systematically, gender studies and the application of gender as a analysis category begins, as according to the studies of Scott (1995).

From the analyzed sources and the theoretical references about gender that were used, to understand how this subject was treated by researchers of physical education is sought.

Key words: gender; sexism; physical education; Brazilian Sport Sciences Magazine.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>RBCE</b>	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
<b>CONBRACE</b>	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
<b>CBCE</b>	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
<b>FEF</b>	Faculdade de Educação Física
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas

# **SUMÁRIO**

---

---

<b>1 Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A Educação Física e a educação feminina: seriam suas leis, seus conteúdos e seu ensino sexistas ?.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A RBCE e os Anais dos CONBRACEs: leituras de seu conteúdo sobre o gênero.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 Artigos e Ponto de Vista .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2 Resumos de Dissertação e Tese.....</b>	<b>47</b>
<b>3.3 Temas Livres, Relatos de Experiência, Comunicações Coordenadas, Mesas e Seminários Introdutórios.....</b>	<b>53</b>
<b>3.4 Comunicações Orais e Pôsteres.....</b>	<b>61</b>
<b>4 A Educação Física e o gênero ... interpretações .....</b>	<b>67</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>77</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>87</b>

# 1 Introdução

As relações de gênero, apesar de não serem percebidas durante a maior parte do tempo e não serem para muitos tema para reflexão estão presentes no cotidiano de todos, nos gestos, nos hábitos, nas relações de poder, enfim, nas relações sociais.

Nas inúmeras aulas de Educação Física que acontecem em diferentes regiões do planeta, poder-se-iam notar variadas concepções de gênero. Formadas em íntima relação com as crenças religiosas, modos de produção, regimes políticos e correntes filosóficas, são reproduzidas e reforçadas no espaço escolar. E foi justamente, uma situação potencialmente escolar que me chamou a atenção para o desenvolvimento de uma pesquisa a respeito desse tema. Numa das disciplinas do curso de graduação em Educação Física, ao elaborar, com mais 3 colegas, o planejamento para uma aula que seria realizada com uma turma de crianças, que tinham entre 6 a 7 anos, incomodei-me com a atividade proposta por um deles. A proposta deste colega era realizar a brincadeira “Sol e Lua”<sup>1</sup> com a seguinte variação: em vez de usar os comandos “sol” e “lua”, utilizaríamos como comandos, *coisas de meninos* e *coisas de meninas*. Isto é, se falássemos palavras como “boneca” ou “vestido” as meninas teriam que fugir, se falássemos “bola” ou “carrinho”, dentre muitas outras palavras, os meninos teriam que fugir. Mas como poderíamos definir a que gênero pertence cada coisa? Seria isso possível? Tínhamos o direito de inculcar nas crianças o “certo” e o “errado” para cada sexo? Ao discutirmos se iríamos propor ou não a brincadeira, optamos por substituir os comandos, aplicar uma outra variação, pois os integrantes concordaram que jogos e brincadeiras que envolvessem relações de gênero poderiam causar problemas se não fossem propostas de uma forma adequada.

---

<sup>1</sup> Brincadeira de pegar em que duas equipes (equipe “sol” e equipe “lua”) são formadas com as mesmas quantias de integrantes e em que cada integrante tem um correspondente na equipe adversária, de quem deve fugir ou a quem deve pegar de acordo com o comando dado; duas linhas paralelas e separadas por distância de 2m ou mais (de acordo com os objetivos) separam as equipes; com cada integrante posicionado a frente de seu correspondente adversário, os comandos são dados; se o prof<sup>o</sup> falar “lua”, o integrantes da equipe “lua” devem fugir dos seus correspondentes adversários até alcançarem o final da área de corrida, após a qual não poderão ser pegos; As equipes se organizam novamente em suas linhas e a brincadeira continua.

Para tanto, propusemo-nos a pesquisar como o tema é tratado em um dos principais periódicos do meio acadêmico da Educação Física: a RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte. As constatações daí resultantes podem ser entendidas como resultado da importância que os docentes universitários têm dado ao assunto, além de indicar como estão sendo formados os professores de Educação Física, que certamente se depararão, cotidianamente, com situações que exigirão um posicionamento em relação ao assunto.

## **2 A Educação Física e a educação feminina: seriam suas leis, seus conteúdos e seu ensino sexistas ?**

---

---

Encontramo-nos numa época em que o tema gênero vem sendo tratado amplamente na sociedade. Na mídia, podemos notar a sua visibilidade em filmes, programas, novelas e seriados de TV, nas revistas, nas páginas da Internet, etc. As problematizações apresentadas pelos veículos de comunicação acerca dos papéis sociais de homens e mulheres, sobre as diferenças biológicas e sobre as sexualidades têm sido freqüentes. A população também, apesar do conservadorismo notado em sua maioria, mostra-se mais aberta à discussão de temas relacionados ao gênero. Tal abertura pode ser notada, também, em nosso meio acadêmico – formador de opiniões. Contudo, será que a atenção dedicada a este tema tem sido suficiente para provocar o questionamento do forte sexismo na Educação Física entre os docentes e discentes das faculdades?

A carência desse assunto na formação acadêmica pode ser notada em seu reflexo no âmbito escolar. É comum as aulas serem realizadas com conteúdos diferentes para meninos e meninas, mesmo em turmas mistas. Enquanto os garotos se agrupam em um espaço para jogar futebol, as meninas se agrupam em outro para jogar vôlei. Essa divisão parece ocorrer pela suposta diferença de aptidão comumente mencionada entre meninos e meninas para cada uma dessas modalidades esportivas, pela forma como elas são praticadas e veiculadas pela mídia e, finalmente, pela forma como essas modalidades são caracterizadas em termos de gênero.

As observações e relatos nos fazem pensar que professores são formados e, muitos deles, ao saírem das faculdades, conservam sobre esse tema, as mesmas idéias que tinham ao ingressarem. E parece que muitos professores(as), apesar de desejarem romper com a divisão sexista, não conseguem articular argumentos que levem seus alunos a experimentar novas possibilidades, nas quais a participação de um gênero não exclui a de outro.

Como qualquer outra questão importante a ser tratada na formação e na atuação da professora ou do professor de Educação Física, as relações de gênero, bem como seu envolvimento com o sexo e a sexualidade precisam ser amplamente e cientificamente estudadas pela área. No Brasil, embora exista um número significativo de pesquisas e publicações sobre o tema, sua repercussão na Educação Física ainda é bastante restrita. A Educação Física necessita consolidar e ampliar em seu meio acadêmico esta temática, necessita ainda criar mecanismos para que estas pesquisas e publicações atinjam os graduandos, de maneira que a prática profissional do professor ou professora de Educação Física possa ser redimensionada.

Atualmente, notamos que a maior parte das referências bibliográficas que denunciam o sexismo e chamam a atenção para a necessidade de discussões mais críticas sobre o tema na escola são encontradas no campo da Educação e das Ciências Humanas em geral.

Na Educação Física, por longo tempo, o gênero foi confundido com o sexo, sendo, portanto, considerado algo natural e que não necessitava sofrer transformações. Isso explica fatos como a separação das turmas por sexo, professores para alunos, professoras para as alunas e conteúdos diferentes para os sexos.

A Educação Física que conhecemos hoje não pode ser facilmente transformada. Os conteúdos e os valores propostos por essa disciplina, ao longo de um século e meio de existência no Brasil, precisaram provar ser compatíveis com aquilo que a sociedade brasileira esperava e espera para a sua formação. Se hoje ainda percebemos traços sexistas em suas práticas, é porque foi preciso ela se constituir desse modo para ser aceita.

Nota-se, ao estudar a história da Educação Física brasileira, que seu passado apresenta um número maior de restrições às mulheres. Se nas épocas colonial e imperial, parte da elite não via com bons olhos a prática de atividades físicas, como a ginástica e os esportes pelos seus filhos, devido ao cansaço, a exposição às condições do clima nos pátios e aos riscos de acidentes que estes causavam, tal prática por parte das meninas era combatida por muitas famílias, que as julgavam nocivas à integridade feminina, uma vez que as mulheres eram consideradas naturalmente frágeis.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Sobre as opiniões de representantes de diversos setores da sociedade brasileira acerca das relações de gênero e da Educação Física no final do século XIX e início do XX, ler: SOARES, capítulo III, p.69-133, 2004; CASTELLANI FILHO, cena V, p.53-67,1988; Marinho, Inezil P. Contribuição para a história da Educação Física no Brasil. Rio: Ministério da Educação e Saúde: Divisão de Educação Física, 1957. p.87-236; Ibidem.História da Educação Física e dos Desportos no Brasil. v.2. Rio: Ministério da Educação e Saúde: Divisão de Educação Física, 1952.

Esta fragilidade também encontrou lugar na legislação da Educação Física. Citamos como exemplo algumas leis em que a discriminação sexual aparece:

LEI 6503 DE 13/12/77<sup>3</sup>

Dispõe sobre a Educação Física em todos os níveis e graus e ramos de ensino:

Art. 1.º É facultativo a prática de Educação Física em todos graus e ramos de ensino:

Letra f            À aluna que tenha prole.

Para tornar viável uma Educação Física que contribuísse para a formação de homens e mulheres que assumissem papéis bem definidos e distintos, regulamentou-se por meio do Decreto n.º 69.450, de 1971, que:

III – quanto à composição das turmas, (cada uma deveria ter), 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física;<sup>4</sup>

Enquanto para as mulheres eram necessárias leis que as proibissem de praticar certas atividades, para os homens a censura moral bastava como mecanismo de inibição à prática das atividades tidas como femininas.

<sup>3</sup> O § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, mais conhecida como a LDB de 96, reconheceu a Educação Física como um dos componentes curriculares da educação básica, junto a disciplinas como Português e Matemática, deixando-a facultativa apenas para os alunos dos cursos noturnos; entretanto, a Lei nº 10.793, de 1º de dezembro, de 2003, voltou a torná-la facultativa para alunos em diversas condições, inclusive na de ter prole. Desta vez, contudo, a facultatividade pela condição de ter prole se estende também aos homens.

<sup>4</sup> Terceiro dos 4 padrões de referência que constituíam o artigo 5º do referido decreto. O decreto na íntegra pode ser consultado em: SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Educação Física: legislação básica (Federal e Estadual). São Paulo, 1985. p. 117-121

Do final da década de 70 para cá, as relações de gênero vêm sofrendo mudanças. As mulheres vêm assumindo papéis sociais antes considerados exclusivamente masculinos, tais como cargos de direção em empresas e provisão de renda familiar, quando o marido está desempregado, quando ocorre a separação do casal ou, raras vezes, quando há a opção por parte do casal de que o homem assuma o papel de cuidar da casa e dos filhos, enquanto a mulher trabalha fora.

Tanto na Educação Física escolar, quanto em programas como o “Esporte Para Todos” (EPT), iniciado na década de 1970, percebe-se um incentivo para que as mulheres pratiquem esportes. Entretanto, esse incentivo não pode ser enxergado inocentemente como uma transformação na forma de lidar com as relações de gênero por parte das autoridades responsáveis pela educação. Essa política de massificação esportiva visava, sobretudo, à alienação da população para enfraquecer as reações de oposição a ordem vigente naquela época. O desporto também se apresentava para os governos militares como uma forma de promover a aptidão física - melhorando, assim, a força produtiva da classe trabalhadora -, e de aumentar o prestígio do país perante os demais, por meio das competições internacionais, tais como a Copa do Mundo de 1970, em que o Brasil se sagrou campeão pela terceira vez (BRACHT, 1999, p.76).

Embora essas mudanças tenham acontecido mais por interesses econômicos e políticos do que pelo abandono de idéias sexistas ou por mudança na relação entre masculino e feminino, na qual o primeiro continua a dominar o segundo, já há maior possibilidade de trabalhar as relações de gênero na escola. Não há mais leis que determinam aulas separadas para alunos e alunas, ou que proibem a prática de determinados conteúdos por sexo.

As relações de gênero nas aulas de Educação Física são fortemente marcadas por comportamentos aprendidos pelos alunos e alunas fora da escola, mas também são influenciadas pela postura do(a) professor(a). Este, em aula, pode reproduzir o sexismo, vigente na sociedade brasileira, ou adotar uma postura de esclarecimento, mostrando às alunas e aos alunos como estas relações estão presentes nos conteúdos e na história da Educação Física, como foram construídas e como podem sofrer transformações ao longo do tempo, por meio da participação dos próprios alunos, se eles entenderem as relações de gênero como um produto cultural, ou seja, como uma construção histórica e social; não como sinônimo de sexo, mas como uma categoria que identifica as características atribuídas ao masculino e ao feminino, de modo particular em cada cultura, não significando, necessariamente, oposição ou dominação de um sobre o outro.

Os professores que preferem adotar a segunda postura precisam, contudo, estar preparados para lidar com esse assunto. Será que estão?

Os meios mais importantes de difusão de conhecimentos da nossa área entre docentes e discentes de todo o país são os livros, periódicos e congressos. Como o assunto está sendo tratado pelos periódicos, por exemplo? Será que suas informações atingem satisfatoriamente o público da área?

Para tentar responder a estas questões, propusemo-nos a realizar uma pesquisa em um dos principais periódicos da área: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Utilizamos também os anais e um caderno de resumos dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACES)<sup>5</sup>. É nosso objetivo analisar a discussão de gênero presente em seus conteúdos e a atenção que vem sendo dedicada ao assunto ao longo de seus anos de existência.

---

<sup>5</sup> Até 1999, os anais dos CONBRACES eram publicados como números dos volumes da RBCE. Já, do ano 2001 em diante, passaram a ser publicados de forma independente.

### **3 A RBCE e os Anais dos CONBRACEs: o gênero, o sexismo e a Educação Física em suas páginas**

A fonte principal para a realização desta pesquisa é a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), periódico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), cuja publicação foi iniciada em setembro de 1979 e já completa 25 anos sem interrupções, constituindo fonte de consulta para professores e pesquisadores na área da Educação Física. Os anais dos CONBRACEs e o caderno de resumos e programação científica da 12ª edição desse congresso, realizado em 2001, também são consultados.

A RBCE surgiu da necessidade que os profissionais da área, membros do CBCE, sentiram de oferecer um trato científico ao esporte e de promover o intercâmbio de conhecimentos científicos entre os profissionais de todo o país. Essa dedicação ao conteúdo esporte refletia o contexto histórico das décadas de 1970 e 80, quando o Esporte era um importante elemento da política vigente no Brasil e se confundia com a própria Educação Física<sup>6</sup>.

Contudo, o estatuto científico das Ciências do Esporte não se consolidou logo em seus primeiros anos e, em meio a um processo de mudanças - como a redemocratização do país -, ofereceu aos pesquisadores da área a possibilidade de nele defenderem posturas novas e, por vezes, divergentes, inclusive, num mesmo número. Assim, em meados da década de 80, as ciências humanas conquistaram, no meio acadêmico da Educação Física e neste periódico, especificamente, seu espaço ao lado das ciências biológicas<sup>7</sup>.

Pela importância deste periódico para a área, ele foi eleito para a realização da presente pesquisa, viabilizando, assim, o entendimento de como o tema, “relações de gênero”, vem sendo tratado pelos pesquisadores nas últimas décadas.

---

<sup>6</sup> Alguns dados e curiosidades sobre a criação do periódico podem ser encontradas em seu 1º número, publicado em setembro de 1979.

<sup>7</sup> Informações disponíveis no CD-ROM da Revista no link “Apresentação”.

A pesquisa constituiu-se em um estudo bibliográfico. Foram consultados todos os 74 números dos 25 volumes da Revista Brasileira de Ciências do Esporte publicados até maio de 2003. Atualmente, o periódico é organizado em três sessões: artigos originais, ensaios originais e resenhas. Contudo, ele já foi editado em outros formatos, contando com sessões como: resumos de dissertações e teses, relatos de experiência e pontos de vista acerca de algum assunto da área. Ao longo desses anos, 11 números foram reservados aos anais dos 11 primeiros CONBRACEs.

Todos os trabalhos encontrados no periódico que tratam das relações de gênero com base nos conhecimentos produzidos pelas Ciências Humanas são aqui citados ou apresentados sob a forma de resumo.

Inicialmente, a tarefa foi localizar os conteúdos sobre as relações de gênero. Depois, tendo como base os conhecimentos produzidos pelas ciências humanas acerca desse tema, o trabalho consistiu na elaboração de resumos dos trabalhos mais extensos e na análise do conjunto de trabalhos encontrados em todos os volumes consultados<sup>8</sup>.

Foram encontrados, ao todo, 63 trabalhos dentre os quais: 16 foram publicados em forma de artigos originais, resumos de dissertações e teses, relatos de experiência e pontos de vista; e 47 foram trabalhos apresentados nos CONBRACEs. A tabela seguinte facilita a análise:

---

<sup>8</sup> Nossa análise dos trabalhos privilegiou os mais extensos, tais como: artigos, resumos de dissertações e teses, relato de experiência, ponto de vista e mesa redonda. Estes aparecem nesta monografia sob a forma de resumo. As demais formas de apresentação, utilizadas nos CONBRACEs, tais como: temas livres, pôsteres, comunicações coordenadas, comunicações orais, mesas e seminários, encontram-se apenas mencionados em tabelas. As descrições da maioria destes trabalhos, bem como as íntegras daqueles que foram resumidos podem ser encontradas no anexo.

**LEGENDA**

**PERIÓDICO**  
 Computados: artigos, resumos de dissertações e teses, relatos de experiência, pontos de vista;

**ANAIS / CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA**  
 Computados: temas livres, pôsteres, comunicações coordenadas, comunicações orais, mesas e seminários;

[ - ] o CONBRACE é realizado a cada dois anos, sempre em anos ímpares;

[ \* ] os anais do CONBRACE de 2003 não foram consultados.

Ano	PERIÓDICO		ANAIS / CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA	
	Volume	Quantidade de trabalhos	Edição	Quantidade de trabalhos
1979	1	0	I	1
1980	2	0	-	-
1981	3	0	II	0
1982	4	0	-	-
1983	5	0	III	0
1984	6	0	-	-
1985	7	0	IV	0
1986	8	0	-	-
1987	9	0	V	2
1988	10	0	-	-
1989	11	0	VI	0
1990	12	1	-	-
1991	13	0	VII	2
1992	14	2	-	-
1993	15	0	VIII	4
1994	16	8	-	-
1995	17	0	IX	5
1996	18	0	-	-
1997	19	0	X	5
1998	20	1	-	-
1999	21	1	XI	13
2000	22	0	-	-
2001	23	0	XII	15
2002	24	2	-	-
2003	25	1	*	*

Nas seções seguintes, organizamos os trabalhos resumidos ou mencionados, utilizando como critério, primeiramente, o tipo de trabalho e, posteriormente, a ordem cronológica em que foram publicadas. As íntegras da maioria dos trabalhos e os resumos dos demais podem ser consultados no anexo em CD.

## **3.1 Artigos e Ponto de Vista**

v.14, n.1, set.1992

ARTIGO

### **Diferenças entre meninos e meninas quanto a estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação**

Profª Dra. Elaine Romero

Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo

Este foi o primeiro artigo, em 14 anos de existência do periódico, a tratar das diferenças entre os gêneros, partindo de uma abordagem histórico-social. O propósito dele foi apontar, primeiramente, a influência exercida pelos estereótipos sexuais na percepção que as pessoas apresentam sobre as outras e a sociedade e na forma como elas as julgam. Após este apontamento, a autora procurou expor como a existência desses estereótipos na família e nos professores e professoras implica no modo como as crianças são educadas.

Na introdução, Romero (1992, p.24) afirma que, ao nascer, os indivíduos apresentam "... uma amplitude imensa de potencialidades comportamentais dispostas a sua frente", podendo se tornar, independentemente do gênero, agressivos ou retraídos, dependentes ou independentes, honestos ou desonestos. Contudo, as características de personalidade adotadas pelos indivíduos seriam aquelas aceitas pelo grupo social em que estão inseridos.

Ao processo pelo qual os indivíduos adquirem os padrões de comportamentos, crenças e normas valorizados por suas famílias e culturas, dá-se o nome de treino socializador.

Ela explica que as expectativas em relação aos comportamentos de meninas e meninos são diferenciadas em função dos estereótipos feminino e masculino, determinados por fatores sociais e que, em decorrência disso, a educação e as oportunidades oferecidas acabam sendo, também diferentes para cada sexo. Romero afirma também que as expectativas de um professor ou uma professora sobre seus alunos afetam seus desempenhos escolares. Assim, chama a atenção para o perigo que os estereótipos sexistas, inculcados em muitas professoras e professores, geram para a formação dos alunos.

Segundo a autora, a identificação psicológica das crianças em relação ao gênero acontece pela socialização, à medida que a família e, posteriormente, outras pessoas atuantes na educação delas, vão lhes mostrando os diferentes tipos de comportamentos como adequados ou não a cada gênero, fazendo com que, desse modo, elas vão aprendendo os valores dos papéis sexuais e se identificando psicologicamente com um deles.

A perpetuação do modelo sexista de educação, tanto familiar quanto escolar, ocorre devido à importância dada, na maioria das culturas, a papéis sociais distintos para homens e mulheres. A autora busca argumentos na obra de Pearsons (1955) *apud* Biaggio (1985), para dizer que a orientação esperada para o comportamento feminino é mais expressiva, isto é, as mulheres devem expressar mais seus sentimentos, como a gratidão e a tristeza, ao passo que os meninos, com uma orientação do comportamento mais instrumental, devem ser mais responsáveis, independentes, agressivos, competentes, competitivos, tolerantes à frustração e dominantes. Pearsons (1955) *apud* Biaggio (1985) ainda diz que a mãe exerce um papel expressivo ao lidar com a filha e instrumental ao lidar com o filho. Nota-se aí, que a maioria das sociedades é organizada em função dos homens, e não das mulheres.

Romero sugere como medidas para a quebra desse ciclo de condicionamentos: uma mudança de postura iniciada em nível escolar, através de uma ampla e refletida revisão nos currículos de todos os graus de ensino; a reciclagem de professores; e, mais especificamente, no âmbito da Educação Física, uma revisão nos currículos das escolas de formação de profissionais.

v.15, n.3, jun. 1994

Esta revista foi toda dedicada à temática “gênero”.

#### ARTIGOS

## A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista

Elaine Romero

Este artigo foi escrito no sentido de chamar a atenção para a desigualdade de oportunidades percebida entre meninos e meninas no ambiente escolar, especificamente, nas aulas de Educação Física, resultado da reprodução dos papéis sexuais vigentes.

A autora constatou que professores de Educação Física tinham a visão estereotipada de meninas e meninos. Uma visão que, em convergência com a ordem vigente, em nada contribui para a transformação social no que diz respeito à visão igualitária dos alunos.

Papéis sociais sexistas ensinados pela família seriam posteriormente reforçados pela escola, inclusive pelo professor de Educação Física que, assim, tornaria sua prática discriminadora.

Diferenças entre culturas notadas em relação aos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens: “A determinação e a manutenção do comportamento sexual para homens e mulheres criam e mantêm desigualdades entre eles existentes na sociedade, quase sempre com prejuízos para a mulher que acaba desempenhando um papel de menor prestígio e valor” (ROMERO, 1994, p.226).

Romero chama a atenção para a atualidade (em 1994, quando foi publicado o artigo) de conclusões de pesquisas realizadas em décadas anteriores. Notou, naquele ano, como não houvera grandes transformações na postura sexista da sociedade brasileira; o mesmo pode ser notado atualmente.

Em seu artigo, destaca como o ensino dos papéis sexuais faz parte do processo de socialização:

[O 'treinamento' social é diferenciado para cada um dos sexos e o adulto faz um julgamento sobre o modelo comportamental mais apropriado para si e para seus semelhantes deste ou daquele sexo, em função de estereótipos de papel sexual existentes, os quais desde cedo os condicionam a se adequarem e se comportarem da forma socialmente esperada.] (*Idem*, 1994, p.227)

Neste artigo, a autora mostra uma pesquisa realizada durante 5 anos, entre 407 professores de Educação Física da rede oficial de ensino do estado do Rio Grande do Sul.

Nessa pesquisa, a autora buscou verificar a existência de estereótipos masculinos e femininos para esses professores listando 30 adjetivos, os quais os professores deveriam classificar como masculino, feminino ou comum a ambos os gêneros. A estereotipação de meninos e meninas pôde ser confirmada, podendo-se notar também diferentes expectativas em relação à posição social que cada um dos sexos deveria assumir. Características como agressividade, atividade, autoritarismo, capacidade, dedicação ao lar, delicadeza, esportividade, força física, independência, liderança e machismo foram atribuídas ao perfil dos meninos. As meninas foram qualificadas como atraentes, decididas, elegantes, meigas, responsáveis, sensíveis e vaidosas.

## A MULHER NO ESPORTE: o Espaço Social das práticas esportivas e de produção de Conhecimento Científico

Celi Zulke Taffarel

Tereza Luiza França

Este artigo foi produzido por um grupo constituído por 4 graduandos em Educação Física e 2 professoras da UFPE, as quais lideraram o grupo. A pesquisa que deu origem ao artigo teve como objetivo estabelecer relações entre a presença da mulher no esporte competitivo de alto rendimento e no âmbito da produção e difusão do conhecimento científico em Educação Física/Esportes, tendo como referência, respectivamente, os Jogos Olímpicos e o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. A categoria de análise histórica privilegiada é a do gênero em uma sociedade de classes.

Para tanto, os autores tecem, primeiramente, considerações a respeito da categoria Gênero, justificando sua utilização e apresentando elementos para a compreensão do conceito adotado e, em seguida, analisam os dados coletados sobre as participações femininas nos âmbitos pesquisados. A análise é feita a partir do referencial teórico marxista, relacionando as desigualdades de classe às de gênero.

A categoria gênero é apresentada com base nos estudos de Scott<sup>9</sup> e tem sua importância considerada enquanto categoria de análise fundamental para a melhor compreensão da história como um todo. Chama-se a atenção para a designação de gênero como as relações entre os sexos - influentes nas relações de classe e na economia, e também influenciadas por elas - em vez de se designa-la como a separação das esferas masculina e feminina. Essa idéia é sustentada pelos estudos de Kelly, J., que apontam para a atuação recíproca, de uns sobre os outros, entre os sistemas econômicos e de gênero para a produção de experiências sociais e históricas, e para a atuação concomitante na reprodução das estruturas socioeconômicas e das estruturas de dominação masculina.

Os dados a respeito da participação das mulheres nas Olimpíadas confirmam a presença minoritária das mesmas tanto nas provas disputadas, quanto na organização da competição. Tal fato tem sua explicação encontrada nas teorias biológicas, sociais e políticas produzidas e, intensamente, difundidas durante o século XIX e parte do XX, segundo as quais as mulheres apresentariam uma constituição física inadequada para a prática dos desportos; o corpo frágil e inferior em relação ao masculino, deveria destinar-se aos cuidados domésticos. A mulher deveria ser criada de modo a completar o homem. Sua grandeza era reconhecida em sua capacidade de aceitar a inferioridade intelectual e física - as qualidades mais valorizadas na vida

---

<sup>9</sup> Historiadora norte-americana que vem trazendo, desde a década de 1980, grandes contribuições para os estudos de gênero, sendo, portanto, uma das responsáveis pela consolidação desse campo de estudos.

pública -, para se subordinar ao homem, aproveitando-se de sua delicadeza, afetividade e intuição para exercer, com superioridade, seu papel no espaço doméstico, privado. Essas idéias “fundamentadas” e reforçadas por médicos e filósofos, dentre outros, foram as que vingaram não apenas entre Coubertin e outros idealizadores das Olimpíadas modernas, mas também em grande parte da sociedade. O artigo indica a menor participação feminina no espaço acadêmico do CBCE como um reflexo desse processo.

Os dados também indicam a ampliação da participação feminina nos espaços analisados, contudo, as autoras chamam a atenção para a necessidade de mudança de postura, sobretudo feminina, em relação à política. O que se pontua como central são as relações de poder estabelecidas entre classes. Ou seja, o problema da inferiorização feminina seria um desdobramento da lógica da dominação de uns sobre os outros que rege a sociedade capitalista. Para supera-la, seria necessária, a conscientização política das mulheres, tanto quanto a da classe trabalhadora.

O espaço das mulheres, tanto no meio esportivo quanto acadêmico, para ser legitimado, deve ser conquistado pela sua competência e não pela concessão de cotas que reforcem a crença na inferioridade feminina.

A superação do estereótipo feminino marcado pelo desinteresse político, pelo desejo de uma vida de contos de fadas e pelo papel consumista no sistema se coloca como fundamental.

O engajamento dos indivíduos em busca da igualdade social deve ser acompanhado, no âmbito escolar, pela postura auto-crítica e democrática do(a) professor(a), que não se aproveita de sua posição hierárquica para subjugar seus alunos(as).

## O GÊNERO: Confronto de Culturas nas Aulas de Educação Física

Maria do Carmo Saraiva-Kunz

Neste artigo, aborda-se o sexismo como um mecanismo irrefutável de discriminação entre alunas e alunos nas aulas de Educação Física e o conteúdo esporte como meio de promover a separação entre meninos e meninas, visto que a grande maioria dos esportes é dominada pelo gênero masculino.

Maria do Carmo se apóia na definição de sexismo concebida por Amparo Parra (1993), segundo a qual o sexismo refere-se aos conteúdos que condicionam homens e mulheres em seu desenvolvimento vital e que geram conseqüências em sua vida cotidiana e no comportamento social.

A autora defende a quebra dessa discriminação por uma prática pedagógica que contribua para a construção de uma cultura mais democrática e participativa.

Ela lembra que o esporte moderno começou a se desenvolver na mesma época em que a industrialização e em estreita relação com os valores de rendimento, força e dominação masculina exaltados nessa época. Por isso, os esportes modernos foram criados com padrões de movimento e manifestação que, naquela época, eram considerados impróprios para mulheres. E como não houve considerável mudança nesse contexto de exaltação do rendimento, da força física, da competitividade e de dominação dos homens, algumas das mulheres que almejam se destacarem em suas modalidades e quebrarem recordes acabam por se enquadrarem nos padrões masculinos, alterando até seus níveis hormonais para tentarem se igualar aos homens.

O artigo aponta dois tipos diferentes de prática do esporte: o feminino e o masculino. A autora recorre a pesquisa de Brodtmann/Kugelmann para caracterizar a prática feminina de esporte, como uma prática em que há maior predisposição à expressão dos sentidos, maiores desenvolvimentos da fantasia e da criatividade e mais ludicidade, características que se fossem inclusas na prática masculina, quebrariam a polarização cooperação/competição, sensibilidade/racionalidade, criatividade/produktividade e ludicidade/seriedade que tanto diferencia os dois tipos de prática. Assim, sugere uma prática em que haja um redimensionamento das possibilidades expressas pelos pólos masculino e feminino, através da incursão de ambos os sexos na cultura do outro sexo. Seria necessário, para tanto, que professora(o) e alunos problematizassem o conceito de papel sexual para “compreender e avaliar o papel sexual não como uma característica da personalidade, mas como expressão de uma cultura” e, portanto, sujeita a transformações provocadas pelas atitudes das pessoas.

Propõe, então, baseada na idéia de Singer (1990) de que em cada ser humano há uma dualidade psíquica com a presença do masculino e do feminino, o resgate do conceito Androginia, que possibilitaria uma nova forma de interpretar os papéis sexuais e mudaria a forma de relacionamento entre os sexos na prática de esportes e outros conteúdos da Educação Física.

A Androginia se manifestaria na transposição dos limites das normatizações atribuídas a ambos os sexos, a uma grande flexibilidade de comportamento, auto-realização e criatividade, em que as práticas de homens e mulheres superariam a valoração dos papéis sexuais, socialmente caracterizados como positivos ou negativos.(LIESENHOFF,1983 *apud* SARAIVA-KUNZ, 1994 a).

A autora nota que na década de 90, já era possível reconhecer a tendência andrógina expressa no desenvolvimento de um modelo único de desempenho de funções sociais. Entretanto, a autora chama a atenção dois aspectos, por ela considerados negativos. Um deles seria o que Singer (1990, p.31) definiu como “ameaça a nossa segurança” e caracterizado pela perda das identidades sexuais masculina e feminina. A autora ratifica que na sua defesa da incorporação da Androginia “não se exclui uma sexualidade masculina, espontânea e desinibida, para os homens, nem uma sexualidade totalmente feminina para as mulheres” e que ela visa ao melhor aproveitamento do potencial feminino, não com a simples incorporação dos valores e conquistas de direitos masculinos pelas mulheres, passando estas a exercer também domínio sobre os outros, mas na promoção de valores que resultem numa relação de equilíbrio e igualdade, não de dominação.

O esporte, então, é defendido como um dos conteúdos da Educação Física que pode ser emancipatório ao promover a Androginia, através de uma prática orientada por princípios expressivos, que pressupõe um processo sensitivo-criativo de movimento.

Isso implicaria superar a ordem patriarcal, difundida, inclusive, pela tradição judaico-cristã e concretizar as propostas de ensino oficiais de Educação Física e Diretrizes que idealizam “a valoração do corpo humano seus movimentos expressivos, no contexto sócio-político-cultural” (Proposta Curricular, SC,1990 *apud* SARAIVA-KUNZ, 1994 a).

## EDUCAÇÃO FÍSICA: Escola de... Formação do Corpo Feminino

Eliane Chagas

Este artigo é uma crítica à forma como vem sendo tratado o corpo feminino no sistema capitalista. Segundo a autora, da década de 1970 em diante, uma outra forma de se lidar com o corpo se firmou com “afrouxamento da censura sexual no país”.

Se antes o jargão mais popular era “mente sã, corpo são”, no início da década de 1990, passaram-se a ouvir aclamações como “saúde é o que interessa, o resto não tem pressa”, associando-se, nesse jargão, a saúde a um corpo musculoso e magro, que divulgado positivamente pela mídia, passa a ser objeto de desejo de muitas pessoas. Desejo esse que passou a fomentar a criação de novas práticas corporais e alimentares. Estas práticas, por sua vez, foram caracterizadas como mercadorias e, assim, passaram a ser vendidas às pessoas, que persuadidas pelas imagens de sucesso por elas tão ansiadas associadas aos produtos, acabam por consumi-lo, caindo muitas vezes, num ciclo de esperança-frustração, em que não conseguem alcançar a plenitude prometida pelo consumo de um produto e logo que se anuncia uma nova “solução” no mercado, consomem-na.

Segundo a autora, esses modelos de corpo e comportamento são padrões construídos para suprir os interesses do Estado em manter a ordem social e da economia de mercado, que necessita de homogeneidade e transformações constantes nesses padrões para facilitar a produção e o escoamento das mercadorias.

À propagação do desejo por esse corpo, a autora se refere usando as palavras de Foucault (1988), classificando-a como repressão positiva. Um tipo de repressão que, diferente daquela usada nos tempos de ditadura, em que a coerção era realizada por soldados, policiais e outros agentes do Estado, não usa cacetetes para obrigar por meio da violência. Para manter a ordem, age de modo mais sutil, seduz da população a perseguir modelos, padrões de perfeição produzidos pela Indústria Cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 1947 *apud* CHAGAS, 1994), que transforma fenômenos culturais, originalmente não-materiais, em necessidades e produtos de consumo, exercendo a função que Guattari (1986) *apud* Chagas (1994) denomina “produção de subjetividades”.

Ao tratar especificamente da produção de subjetividades em relação da imagem da mulher, diz a autora que “A mulher na sociedade capitalista é considerada a consumidora em potencial e há uma propaganda maciça a ela dirigida passando a ser a mesma objeto de manipulação constante pela sociedade de consumo”.(CHAGAS, 1994, p.254)

Aponta ainda que a publicidade, baseada em pesquisas sobre o psiquismo humano, apela para a “sensibilidade natural” da mulher às mensagens de consumismo e para a sua capacidade de difundi-las entre as pessoas mais próximas. Assim, em inúmeros anúncios publicitários, o corpo da mulher é associado à saúde, à natureza e a idéias de prazer erótico, como é comum em anúncios de cervejas.

Chagas nota nos anúncios papéis sexuais bem definidos e, em relação a eles, a autora diz que “a propaganda atua no sentido de reforçá-los na medida em que padroniza comportamentos via manipulação do imaginário, onde os produtos são anunciados de modo a manter e legitimar o que é próprio do homem, da mulher, da criança, do adolescente e do idoso”.

A opção pela mulher nos anúncios é feita, em geral, pelo seu “natural” poder de sedução, o qual estaria presente tanto na esfera privada quanto na pública, sob formas diferentes. Na primeira, a mulher é mostrada como uma bela, pura e discreta mãe e esposa, dedicada ao lar e competente administradora do mesmo, que sabe escolher os melhores alimentos, remédios e produtos de limpeza. Já, na segunda esfera, à mulher são atribuídos “poderes diabólicos”, que a tornam capaz de atrair pela aparência sensual e pela erotização dos produtos, como pode se observar em anúncios de sabonetes, desodorantes, bebidas, etc.

Nos anúncios de produtos relacionados à busca da beleza, associa-se a mulher bela aos sucessos nas esferas profissional, social e afetiva, produzindo assim uma subjetividade, que faz com que muitas mulheres vivam para tentarem ser belas na esperança de alcançarem o sucesso e, conseqüentemente, serem felizes.

É essa ilusão que leva muitas mulheres às academias, locais em que se vendem pacotes de saúde e, principalmente beleza, visto que o auge de sua procura ocorre às vésperas e durante o verão, quando os corpos são expostos nas praias e piscinas.

As academias e outras empresas que faturam às custas da busca feminina pela beleza têm como aliados os discursos científicos de especialistas e meios de comunicação de massas que os veiculam. Embasada em Chauí (1989), a autora explica que a capacidade sedutora da mídia decorre, nesse caso, de ela convencer os indivíduos de que eles estão vendo e ouvindo a

“produção coletiva de idéias e valores”, podendo, portanto, bem informados, julgar e decidir pelas opções que são anunciadas como as melhores por esses discursos.

Assim, não se discute sobre a construção de padrões e a que interesses eles servem, mas quais são as formas possíveis de alcançar esses padrões. Surgem, então, entre outros, cirurgiões plásticos especializados em lipoaspiração, e profissionais da Educação Física especializados em ensinar os exercícios mais adequados para tonificar glúteos, coxas e abdomens.

Num tempo em que os indivíduos são responsabilizados por suas próprias condições, as mulheres sentindo a necessidade de serem reconhecidas como belas, vão às academias para realizar programas de exercícios normatizados para alcançarem um padrão de corpo também normatizado, refletido muitas vezes no corpo da professora, que com o intuito de incentivar suas alunas, anuncia a exibição dos corpos nas praias, - criando um tipo de ameaça e repressão positiva - e pede-lhes disciplina e perseverança, como se ambas fossem suficientes para a conquista de metas.

A autora aponta, ainda, para as questões das sensações e da sexualidade. Buscar um padrão significa, em muitos casos, sair de si para ser outra, deixar de valorizar o corpo como ele é e as possibilidades de sentir que oferece, para tentar se livrar dele, limitando-se ao mundo das ações, dos gestos mecânicos das academias, as quais ao produzirem a beleza desejada, abririam as portas para a vivência de uma sexualidade segura e para a experimentação das sensações, sem culpa.

Chama a atenção, também, para alguns questionamentos que surgiram o decorrer do trabalho, as quais visam a compreensão de por que as mulheres vão às academias, por que há uma alta rotatividade desses espaços e sobre os pesos dos discursos estético e de saúde que mantém as mulheres nas academias.

Por fim, nas considerações finais, reafirma o caráter de denuncia contido em seu texto e propõe medidas para que os profissionais da Educação Física não encontrem nesse contexto somente um nicho no mercado para a sua atuação, mas que busquem refletir e provocar a reflexão sobre os valores contidos nas suas práticas. Enxerga na Educação Física uma possibilidade de lutar contra a discriminação e a exploração corporal.

## ELOGIO À DIFERENÇA: o Averso da Segregação

Silvana Vilodre Goellner

Carmen Lúcia Soares

Este artigo trata essencialmente da transformação das diferenças entre homens e mulheres em marca de superioridade. As autoras reconhecem que homens e mulheres apresentam características comuns ao gênero humano, mas também apresentam singularidades entre si, as quais demarcam distinção entre integrantes do gênero humano.

Estas singularidades não marcam diferenças apenas entre homens e mulheres, mas também entre grupos étnicos e culturas, sendo, portanto, desejáveis enquanto pluralidade e riqueza cultural, mas não quando passam a ser qualificadas como virtudes em comparação às características de outros grupos.

As autoras dizem, em relação a homens e mulheres, que “... diferença anatômica, quando ideologizada, pode transformar em virtude e determinar o lugar de homens e mulheres a partir de sua singularidade anatômica, abandonando a universalidade própria e os caracteres próprios do gênero humano”, gerando assim, a partir do “elogio à diferença”, a segregação.

À mulher, por suas capacidades biológicas de dar a luz e amamentar, são atribuídas as virtudes de mãe, educadora, esposa, dentre outras que exaltam, sobretudo, a capacidade para cuidar da casa e das pessoas, sejam estas da família no âmbito privado, sejam de pacientes, no público. Essas virtudes atribuídas ao feminino, ao mesmo tempo que excluem a possibilidade de os homens serem vistos como virtuosos praticando-as, dificultam, por outro lado, a entrada da mulher no âmbito público, em que o domínio é mesmo dos homens. As mulheres são aceitas nesse espaço com restrições.

A igualdade entre mulheres e homens, em vez de acontecer pela aceitação das diferenças sem hierarquias, tende a ser promovida pela capacidade de o feminino se assemelhar ao masculino, desvalorizando-se o feminino.

As autoras explicam que:

[A diferença, própria do gênero humano, quando tornada virtude, ideologiza-se ora por que elogia, ora porque nega o diferente, tornando desigual a relação entre homens e mulheres. Quando tornado fato e encarado como tal, aproxima-se do universal do gênero humano que, ao pautar-se pela alteridade, não se dilui na similitude mas na aceitação da diferença, sem hierarquia e/ou segregação.] (SOARES e GOELLNER, 1994, p.264)

## O GÊNERO E O MOVIMENTO HUMANO

Fernando Luiz Cardoso

O autor buscou com este artigo repensar o movimento humano nas aulas de Educação Física a partir de um aprofundamento das discussões acerca dos papéis sexuais na cultura brasileira. A partir disso, propôs uma reformulação da metodologia e do conteúdo das aulas de Educação Física com objetivos co-educativos em vez de co-instrutivos.

Para tratar do tema, o autor organizou a artigo em três partes, a saber: papéis sexuais, relações de gênero e gênero na Educação Física.

Preocupou-se, primeiramente, em tecer considerações acerca da categoria papéis sexuais, cuja existência é que motiva pesquisadores a se interessarem pela questão das relações de gênero. Para questionar a naturalização dos papéis sexuais, Cardoso recorreu à pesquisa de campo realizada pela antropóloga norte-americana Margaret Mead (1935), realizada em 3 tribos da Nova Guiné com o intuito de analisar como eram os papéis sociais de homens, mulheres e crianças em cada uma delas.

As tribos pesquisadas foram: *Arapesh*, *Mundogumor* e *Tchambuli*. Mead constatou que os papéis sexuais não eram iguais entre as tribos e que, portanto, esses papéis não eram definidos pela natureza, mas sim pela cultura de cada povo. As conclusões provocaram nela o questionamento acerca dos dogmas sobre o assunto no ocidente ou mundo “civilizado”.

O autor conta que Mead observou um comportamento predominantemente agressivo, viril e rude em homens, mulheres e crianças da tribo *Mundogumor* e um comportamento dócil e maternal entre os *Arapesh*. Outra consideração interessante, é a observação da inversão de papéis entre os integrantes da tribo *Tchambuli*, tendo como referência os papéis predominantes no ocidente. Nessa tribo, enquanto os homens se ocupavam de atividades como a confecção de instrumentos, vestimentas e maquiagens para as comemorações

religiosas, eram as mulheres as responsáveis pelo cultivo de alimentos, pela pesca, pelo comércio e pela criação dos filhos.

A pesquisadora foi encontrar argumentos contra a naturalização dos papéis em povos considerados primitivos e naturais, ou mais próximos da selvageria pelo mundo ocidental, uma vez que não são influenciados pelo seu comportamento e por muitas de suas idéias.

Segundo Cardoso, foram as evidências publicadas por Mead a respeito da relatividade cultural que impulsionaram outros acadêmicos e as minorias sociais organizadas a questionarem os valores e as hierarquias da cultura ocidental moderna.

Contudo, o autor chama a atenção para a relativização cultural extremada, defendida inicialmente por Mead. Comenta que, após o período de maior efervescência das idéias de dessa pesquisadora, com sua *Antropologia Cultural*, houve um aumento de pesquisas que analisaram as chamadas diferenças não simbólicas entre mulheres e homens, heterossexuais e homossexuais, cujas conclusões provocaram o questionamento das idéias dela.

A posição do autor acaba sendo a de reconhecer diferenças de ordem biológica entre os sexos, tais como a maternidade e a força física, que explicariam a tendência do homem em se ocupar da guerra e a da mulher em se ocupar da criação dos filhos. Levanta a hipótese de que essas ocupações tenham provocado, por um processo adaptativo, uma mudança filogenética que seria responsável pelo evidenciamento, ao longo do tempo, das diferenças morfo-estruturais entre mulheres e homens.

Assim, como o próprio autor explica, os papéis sexuais acabaram sendo associados ao sexo biológico para legitimar e naturalizar as atribuições masculinas e femininas. A carência de um termo que rejeitasse o determinismo biológico foi suprida pelo termo gênero, que para Grossi (1990) *apud* Cardoso (1994) se constitui em uma identidade do corpo, de origem eminentemente social, sendo, por isso, o termo preferido pelos acadêmicos e acadêmicas, principalmente as (os) feministas que lutavam pela superação da relação entre os sexos normatizada até então.

O gênero, então, passa a ser usado quando se quer tratar das construções sociais das diferenças entre homens e mulheres. (SCOTT, 1990 *apud* CARDOSO, 1994)

Nesse sentido, o sexo biológico justificaria as práticas de homens e mulheres em vez de determiná-las.

O autor se posiciona adotando o gênero para tratar das construções simbólicas do feminino e do masculino, sem desconsiderar as diferenças dimórficas da espécie.

A crítica à falta de discussão sobre as relações de gênero na Educação Física e às práticas sexistas nas aulas é tecida em favor de uma educação não diferenciada para alunos e alunas; que no caso da Educação Física, ofereça a ambos amplas oportunidades de desenvolvimento motor.

Ao apontar resultados de pesquisas sobre a identidade sexual de hermafroditas<sup>10</sup>, o autor se mostra preocupado com imposição de papéis de gênero na infância, pois assim como ocorre com hermafroditas, não seria possível identificar, com certeza a identidade sexual de cada um. Propõe, então, um tempo e um espaço nas aulas de Educação Física, em que alunas e alunos possam vivenciar práticas indeterminadas pela categoria gênero e sem limitações impostas pelo meio social, em que todos pudessem desenvolver toda a sua potencialidade motora, que o autor julga libertadora.

Cardoso demonstra esperança ao apontar a Educação Física como um espaço em que as ações poderiam ser diferentes das que ocorrem no dia-a-dia, podendo-se iniciar a partir das aulas uma transformação.

v.19, n.2, jan.1998

## PONTO DE VISTA

---

<sup>10</sup>Pesquisas realizadas entre hermafroditas indicam que a escolha pelo sexo a assumir realizada precocemente pelos pais, ainda na infância, resulta, em muitos casos, em crise de identidade causada pela incongruência entre a opção dos pais e a identidade sexual em que o hermafrodita vem a se descobrir posteriormente. Essa crise poderia ser evitada, deixando a identificação sexual a cargo do próprio indivíduo, durante a adolescência. (SILVA FILHO, 1987 *apud* CARDOSO, 1994)

## Homorrivalidade: a base emocional da violência no futebol

Joaquim Zailton Bueno Motta

O artigo trata da violência no futebol através de uma abordagem psicológica, apontando causas e propondo soluções.

Apresenta alguns mecanismos emocionais envolvidos em competições, que são capazes de provocar a violência, mas que se conhecidos pelas pessoas envolvidas com o esporte possibilitam um maior controle sobre essas emoções e, conseqüentemente, menos violência e menor necessidade de repressão policial nos estádios.

O autor se baseia na teoria psicanalítica e a partir dela, constrói um conceito para explicar a rivalidade entre congêneres, não apenas no campo esportivo, mas na sociedade em geral. Este conceito é a homorrivalidade. Nas palavras de Motta (1998, p.32):

[Homorrivalidade representa o conjunto de emoções e condutas mobilizadas pela competição entre pessoas do mesmo sexo. É entre congêneres, um fenômeno comum, facilmente reconhecido, sentido e repetido inúmeras vezes por todas as pessoas. Porém, até então, sem ter sido estudado, nominado e sistematizado para fins terapêuticos e construtivos. As emoções envolvidas são pulsões instintivas, em grande parte inconscientes, promotoras de ativações sexuais e agressivas.]

Baseado em diversos autores que pesquisaram o desenvolvimento comportamental humano - tais como: Freud, Fenichel, Laplanche e Pontalis e ainda R. P. de Moura -, Motta enumera uma série de comportamentos, envolvidos nas relações homorrivais, aos quais os indivíduos têm tendência conforme seus conflitos iniciais vivenciados nas fases evolutivas – oral, anal, fálica e puberal<sup>11</sup>.

Diz também que na busca de sua identificação e da definição de seu valor na sociedade competitiva, o indivíduo vai tentando ocupar e ampliar seus espaços em todos os seguimentos da vida, sendo levado a rivalizar, instintivamente, com seus congêneres, visando à conquista do poder.

O Esporte, institucionalizado da forma como é, com um modelo olímpico que limita a disputa entre congêneres, caracteriza-se como um farto campo para as interações homorrivais. As suas regras fazem com que funcione como uma defesa social, isto é, um mecanismo de defesa que permite equilibrar a tensão criada dentro dos indivíduos por impulsos agressivos e sexuais.

Contudo, no Esporte, esses impulsos podem não ser levados às vias de fato. Em vez de descarregar toda a energia de conteúdo hostil em agressões físicas, os indivíduos podem sublima-la, isto é, canaliza-la para outros fins. O Esporte é, assim, definido como uma guerra sublimada e o futebol apontado como um dos principais mecanismos de sublimação, caracterizando-se pelo confronto de duas equipes dentro de campo e de duas torcidas nas arquibancadas, onde podem canalizar seus impulsos hostis em comemorações, cantos e coreografias.

Motta chama a atenção para os conteúdos dos cantos, os quais apresentam grande carga erótica e obscena. Cita alguns cantos em que o caráter homorrival é expresso pelo erotismo, pela obscenidade, pelo sadismo e pela definição homossexual, remetendo à penetração anal dos homens de uma torcida pelos homens de outra.

Os confrontos, nesses cantos, ocorrem exclusivamente entre homens. Aos torcedores não interessa se confrontar com as mulheres da torcida adversária. A conquista do poder é definida pela penetração da bola no gol adversário ou pela penetração, simbólica, do pênis no ânus do adversário, submetendo-o, humilhando-o.

---

<sup>11</sup> O quadro sinóptico com as fases e seus comportamentos pode ser consultado na RBCE, v.19, n.2, jan.1998, p. 32.

A característica homossexual, entretanto, é negada pelos torcedores, que procuram afirmar, pela dominação do adversário, a sua virilidade, associando esta característica à heterossexualidade.

Segundo Motta (1998), faz parte do desenvolvimento humano, a passagem por etapas de conflitos com características bissexuais. Explica que esses "... períodos envolvem interações que incluem ansiedades homossexuais que, se não conduzem um indivíduo a experiências de atração homossexual, levam-no, no mínimo, a vivências horríveis". Isso abre caminho para o questionamento da polarização entre pessoas do mesmo gênero que têm sexualidades diferentes. Se as pessoas se conscientizassem dessa proximidade entre homossexualidade e heterossexualidade - ao invés de polarizá-las como se uma fosse positiva e outra negativa - e se entendessem que as experiências horríveis são frutos dessa proximidade, elas poderiam não mais discriminar o diferente como ruim e os heterossexuais poderiam não se sentir inseguros, quanto à definição de sua sexualidade, pois entenderiam que as vivências de comportamentos do outro gênero não implicam uma definição homossexual e não discriminariam a homossexualidade por saberem que também necessitam manter uma relação, movida por pulsões sexuais, com pessoas do mesmo sexo, se não em forma de vivência homossexual, em forma de horrrivalidade.

Quanto à violência nos estádios, o autor diz que não se pode abrir mão da repressão policial, que representa um limite legal para os torcedores, mas que a isso devem se juntar medidas como o aperfeiçoamento da sublimação e a genitalização das torcidas. A sublimação poderia ser promovida pela premiação por meio de sorteios ou concursos entre aqueles que conseguissem canalizar seus impulsos sexuais e agressivos para o empenho em torcer sem agir violentamente, participando do espetáculo dentro das regras. Ao sugerir a genitalização das torcidas, o autor defende a participação feminina no espetáculo como mais um instrumento de sublimação para a agressividade masculina. Em suas palavras: "O maior número de mulheres presente nos estádios induziria o interesse genital sem atrapalhar o efeito catártico horrrival que a ocasião oferece. Ou seja, teríamos uma circunstância mais evoluída e dividida emocionalmente, porque as provocações horrríveis se dividiriam com as preocupações heterossexuais"<sup>12</sup>. Para tanto, "Nos estádios, quando a mulher se inclui nas torcidas como mais uma guerreira, a genitalização funciona menos.

---

<sup>12</sup> (MOTTA, 1998, p.36)

Para que desse certo, seria importante que ela não se “uniformizasse”, para que não ficasse “igual” aos outros guerreiros homorrivais. Ou então, que tenha com algum deles um vínculo afetivo, sendo namorada, esposa ou parente”<sup>13</sup>.

Motta diz que com o êxito na sublimação e, conseqüentemente, maior segurança nos estádios, pode-se ampliar a variedade de atrações que complementam os jogos e, desse modo, atrair um público, também, mais amplo, que se estende a toda a família.

Como medidas permanentes, propõe a freqüente discussão a respeito do tema e a avaliação e reciclagem das medidas sublimadoras e repressivas, além de uma participação cada vez maior do torcedor no evento esportivo, desde a sua organização até o acontecimento do espetáculo.

---

<sup>13</sup> (MOTTA, 1998 p. 37)

ARTIGO

## A Educação Física e a Co-educação: Igualdade ou Diferença?

Maria Regina Ferreira Costa

Doutora, professora do Departamento de Educação Física da UFPR

Rogério Goulart da Silva

Doutorando na Universidade de Barcelona, professor do Departamento de Educação Física da UFPR

Este artigo se constitui de uma crítica ao sistema educacional patriarcal e da exposição da co-educação como alternativa para os educadores criarem um ambiente em que haja igualdade de oportunidades entre os gêneros, sem a prevalência do modelo masculino como o parâmetro.

Costa e Silva iniciam o artigo denunciando a dominação masculina, apoiada, ao longo da história, no poder de instituições científicas e religiosas. Lembram que a resistência feminina só tomou dimensões históricas a partir do século XVIII, quando se começou a questionar as explicações biologicistas para as diferenças sociais entre homens e mulheres. Contudo, foi somente na década de 1970, com o movimento feminista, que se iniciou uma fase de maior conquista de direitos pelas mulheres e um maior espaço para a discussão das questões de gênero.

Na Educação, a conquista por direitos iguais entre homens e mulheres se traduziu, primeiramente, no acesso das mulheres às escolas e, posteriormente, na inserção de alunas e alunos nas mesmas turmas, com o intuito de oferecer a elas uma educação de qualidade igual a dos alunos.

Entretanto, a criação das turmas mistas não foi o suficiente para promover a igualdade de oportunidades entre alunas e alunos, uma vez que os modelos de educação são, predominantemente, criadas a partir da formação do modelo masculino, androcêntrico. As escolas mistas não na levaram em consideração o respeito à diversidade.

No caso da Educação Física, disciplina escolar que tem privilegiado o conteúdo Esporte-criado e praticado, tradicionalmente, conforme os valores masculinos.-, reafirmando o mito do sexo forte.

Embora, tenham ocorrido as quebras de alguns paradigmas tais como os homens terem começado a recorrer à indústria farmacêutica e a tratamentos com fins estéticos, as relações de gênero continuam balizadas por relações de poder e tradição que pouco mudaram.

Além disso, a literatura da área da Educação Física tem apontado falhas nos sistemas de educação com turmas mistas. Indicam que somente pôr alunos e alunas numa mesma turma não garante a co-educação. Vários autores sugerem como solução para este problema a adoção de modelos alternativos - em vez do masculino -, que tornem possíveis a criação de estratégias que neutralizem as práticas discriminatórias. Para isso, entretanto, é necessário que educadoras e educadores desafiem crenças e mitos sobre as questões de gênero enraizadas na comunidade escolar.

Os autores também chamam a atenção para as propostas educativas, ainda existentes, que defendem a divisão de turmas por sexo, o que segundo uma parte dos defensores evitaria o assédio dos rapazes sobre as garotas e, segundo outra parte, possibilitaria a homogeneização da performance, isto é, os meninos não precisariam praticar esportes com as meninas que apresentam menores habilidades físicas e força para os esportes.

Os autores dizem que para o modelo co-educativo dar certo é preciso oferecer às meninas um suporte pedagógico que as auxilie a enfrentar o problema da inferiorização de seu gênero. Essa prática pode contribuir para a reflexão de meninas e meninos a respeito do conflito entre gêneros que vitimiza também os meninos, os quais a qualquer desvio da norma têm suas sexualidades postas em questão.

A escola pode contribuir para a superação do sexismo formando pessoas que aprendam a não limitar suas possibilidades em função do sexo. Uma forma de promover essa formação é propor atividades que não sejam balizadas pela atribuição ao gênero.

Para romper com a discriminação sofrida pelas meninas na escola, citam algumas medidas propostas por Urruzola (1998): a) não falar no masculino ou neutro quando a referência for ao sexo feminino; b) considerar a importância das opiniões femininas; c) incentivar e reforçar a participação das meninas para o aumento da auto-estima; d) levantar polêmica nas ocasiões em que os meninos ridicularizam as meninas; e) valorizar nos meninos as qualidades ditas femininas.

Chamam a atenção, também, para a menor prática de atividades físicas por mulheres, muitas das quais tiveram ou têm na escola, uma de suas poucas possibilidades de praticá-las. A falta dessa prática na escola, somada a falta de incentivo em outros meios repercute na menor prática de atividades físicas nos momentos de lazer pelas mulheres.

Explicam que na Educação Física deve-se buscar não uma igualdade entre os sexos, mas sim a equidade em que todos tenham a oportunidade de desenvolver diferentes potencialidades, independentemente do sexo.

Apontam ainda outra forma de enxergar a co-educação, segundo a qual deve-se educar não pela igualdade, mas pela diferença, isto é, reconhecer diferenças nas qualidades dos gêneros e valoriza-las igualmente.

Finalmente, dizem que para instaurar a co-educação na escola não basta boa vontade por parte das professoras e professores, é necessário que a formação delas e deles inclua o aprofundamento nos estudos sobre as questões de gênero, para que se tornem capazes de superar as posturas retrógradas presentes na escola e possam, de fato, realizar ações co-educativas.

ARTIGO

## Los graffitis y los canticos futboleros platenses: acerca del processo de configuración de diversas masculinidades

Pablo Ariel Schargarodsky

Licenciado e Professor de Ciências da Educação (U.N.L.P)

Mestre em Ciências Sociais

Este artigo é de origem argentina e foi escrita por um pesquisador que não atua, especificamente, na área da Educação Física. Não foi também escrito exclusivamente para publicação na RBCE ou em algum periódico similar, uma vez que já houvera sido apresentado num evento conhecido como “II Jornadas de Sociologia de la U.N.L.P.”, em novembro de 2001.

É um trabalho que consiste na análise dos grafites feitos, principalmente, em muros particulares e patrimônios públicos, tomando-os como manifestação social e cultural de grande importância por expressarem múltiplos significados e sentidos sobre determinados temas significativos na trama urbana. Dedicar-se, especificamente, à análise dos grafites que têm como temática o futebol e, para complementar o trabalho, analisa, também, os cantos das torcidas dos times de futebol, visto que ambas as manifestações desenvolvem-se concomitantemente e em íntima relação.

La Plata é a cidade em que ocorre a pesquisa. Nela o futebol é bastante popular. Seus dois maiores times - Estudiantes de La Plata e Gimnasia y Esgrima de La Plata – cultivam uma grande rivalidade entre si. Para fins metodológicos, a cidade foi dividida em quatro partes, que, posteriormente foram comparadas.

Logo no início do trabalho o autor mostra que o que lhe chamou a atenção para as manifestações pesquisadas foi que elas não tratam somente de futebol. Como o futebol é uma atividade predominantemente masculina, os grafites e os cantos também são utilizados para expressar uma concepção de masculinidade e, assim, contribuir para regulá-la.

Nessas manifestações, os torcedores atribuem determinados símbolos, adjetivos e atitudes por eles valorizadas às equipes pelas quais torcem e as desvalorizadas ou que ofendem às equipes e torcedores adversários. As características exaltadas pelos torcedores são relacionadas, geralmente, à virilidade, à agressividade, ao domínio e à heterossexualidade, constituintes da masculinidade hegemônica. Para ofender os adversários, humilha-los, procura-se atribuir-lhes características das masculinidades subordinadas<sup>14</sup>, representadas pela masculinidade gay e também por qualquer outra que apresente características simbolicamente femininas - como docilidade, passividade e submissão. Nessa guerra entre homens não interessa buscar o confronto com as mulheres. Elas são lembradas apenas e indiretamente quando há a intenção de ofender o adversário com os atributos simbolicamente femininos.

Valentia, resistência e força moral são tratadas como qualidades inerentes ao homem varão e impossíveis de serem possuídas por outros tipos de pessoas. Assim, como afirmar uma posição dominante implica em negar a do adversário, os torcedores tentam afirmar sua heterossexualidade negando a dos adversários. Isso é explícito nos cantos e grafites, principalmente, através de palavras e imagens que remetem a penetração do pênis do homem dominante no ânus do homem dominado. E, embora a relação implique o envolvimento de ambos, apenas aquele que se deixa penetrar é considerado homossexual, devendo se sentir humilhado, fraco, inferior.

Algumas das expressões de afirmação da masculinidade hegemônica mais corriqueiras nessas manifestações são as seguintes:

---

<sup>14</sup> Para distinguir a masculinidade hegemônica da masculinidade subordinada, o autor se baseia nos estudos de Connell, apresentados na obra *Masculinities*, publicada em 1995.

- aguante: refere-se à garra e à força que fazem com que os torcedores se sintam vitoriosos, pelo menos, moralmente, independentemente do resultado da partida;
- tener huevos: “huevos” significa o que os brasileiros conhecem, vulgarmente, como “saco” e refere-se a potência sexual masculina; quanto maior é o vigor sexual, mais másculo é considerado o homem.

#### Algumas expressões usadas para denegrir os adversários:

- cagón: é aquele que não controla seu esfíncter anal, que não tem a capacidade de conter suas fezes, não tem o domínio do seu próprio corpo e, portanto, não tem o controle da situação;
- ser hijo de: nos cantos e grafites, hijo – que significa filho – apresenta uma conotação pejorativa; ser “hijo” significa, nesse contexto, ser como uma criança, dependente dos outros, sem autonomia e incapaz de atuar como um verdadeiro homem.

Há, ainda, nos grafites e cantos algumas referências à exaltação da morte dos adversários e do uso de drogas.

Essas manifestações são conduzidas em forma de diálogo. Nos estádios, os torcedores sempre procuram, em seus cantos, responder aos adversários. Assim, também, acontece nos grafites, que ora são alterados para haver mudança de sentido, ora são seguidos de respostas, ou ainda, são sobrepostos por outras mensagens.

Os grafites são localizados em diversos lugares: paredes, muros, árvores, tanques de água, postes de luz, portas, portões, bancas de jornais, bancos de praça, entre outros, tanto em espaços públicos, quanto em privados. Quanto às partes da cidade em que se localizam, o autor notou que eles estão presentes em toda a área urbana, embora a maior concentração e variedade esteja nos estádios dos clubes e nas escolas públicas e estatais, dividindo espaço com grafites sobre outros temas.

Com todas essas informações, o artigo mostra um pouco do processo pelo qual a masculinidade hegemônica é configurada, em detrimento daquelas às quais o autor se refere como subordinadas. Mostra que, para manter a sua ordem e conquistar adeptos,

aqueles que tem o poder ou o almejam, exaltam certas qualidades e características que julgam lhes pertencer e serem exclusivas a sua condição, ao mesmo tempo que denigrem aqueles que são diferentes, caracterizando-os justamente com tudo o que desvalorizam e não toleram como seu. O autor se lembra de Simone de Beauvoir, que dizia que para ser mulher não bastava nascer do sexo feminino, era preciso conquistar essa condição. Aproveitando essa idéia, faz uma analogia, concluindo que a masculinidade também é conquistada. E, por fim, define a masculinidade não como um atributo natural e estático, mas como uma condição que muda ao longo do tempo<sup>15</sup>, num sistema de relações de gênero, o qual é plural e possibilita a configuração de diversas masculinidades, sendo que, embora cada uma delas receba um juízo de valor, nenhuma delas é mais verdadeira que as demais.

v.25, n.1, set.2003

ARTIGO

## O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca

Dra. Andréa Moreno

Professora Adjunta do Departamento de Educação Física – Universidade Federal de Viçosa

Este artigo trata da rejeição da prática da ginástica sueca pelo homem no Rio de Janeiro oitocentista, embora ela fosse uma prática que se difundia por vários países e tivesse grandes defensores, também, no Brasil.

---

<sup>15</sup> (KIMMEL, 1997, p.49) apud (SCHARGARODSKY, 2002, p.183)

A ginástica sueca foi criada no início do século XIX, por Per-Henrick-Ling (1776-1839), que procurou sistematizar exercícios físicos de modo racional e baseado nas ciências naturais, com a finalidade de possibilitar, através dessa prática, o desenvolvimento moral e físico da sociedade escandinava.

A ginástica sueca foi um dos métodos ginásticos vistos por dirigentes de vários países como a solução para acabar com a degeneração do povo. No Brasil, o sueco foi o preferido por pessoas influentes como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, que defenderam a sua inclusão no currículo escolar. Tal valorização se devia a preocupação de Ling em criar um método científico, que fosse estético, produzisse benefícios à saúde - sendo econômico e higiênico - e atuasse também sobre a atenção e a vontade, interferindo no comportamento moral e social do indivíduo.

Entretanto, o acesso a essa prática via escola era difícil. Havia poucas escolas e os pobres, que constituíam parte considerável da população, simplesmente não estudavam. Ou seja, muitos não chegaram a conhecer a ginástica sueca. Fora da escola, por outro lado, a comparação entre a ginástica - pouco difundida - e a capoeira - mais aceita pelos fluminenses -, indicou que as duas práticas eram antagônicas e que, portanto, a ginástica era uma prática incompatível à “alma” do homem fluminense.

A autora constata diferenças nos movimentos e na posição espacial dos corpos e, também, nos significados delas para cada uma das práticas. A capoeira é praticada em roda, a ginástica, em colunas. Na ginástica, os movimentos de todos são idênticos e sincronizados; na capoeira precisam ser diferentes para “se encaixarem”. A primeira representa, metaforicamente, um monólogo corporal, ao passo que a segunda, representa um diálogo. A “ginástica é a virtude cívica, carrega a moral do bom cidadão”. “A capoeira representa o vício. Carrega a moral do mau cidadão, do canalha, do bilontra, vícios necessários à sobrevivência do homem comum”. (MORENO, 2003, p.60) A capoeira valoriza a mandinga, que é mágica e a ginástica, a realidade. A ginástica deve ser praticada de forma regrada, ao passo que a capoeira é praticada de forma livre, quando se tem vontade.

A capoeira, com todas essas características, refletia o caráter e a personalidade do homem fluminense, fluía porque traduzia sua história e respeitava o seu jeito de ser.

Este artigo não trata diretamente das relações de gênero. Mas tais relações estão implícitas na ausência da mulher no texto. Por que a análise se restringe a prática das atividades físicas pelos homens? A resposta pode ser encontrada na concepção de gênero vigente no Brasil oitocentista. Naquela época, a permissão dada pelas famílias e dirigentes da sociedade – sobretudo, homens - às mulheres, para que praticassem atividades físicas, era muito restrita.

## **3.2 Resumos de Dissertação e Tese**

v.11, n.2, set.1990

RESUMO DE TESE

### **Estereótipos Masculinos e Femininos em Professores de Educação Física**

Profª Dra. Elaine Romero

Instituto de Psicologia-Universidade de São Paulo

Considerando a influência exercida pelos estereótipos na percepção que as pessoas têm sobre as outras e no modo como elas as julgam, a autora teve como propósito nesta tese o estudo dos estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física.

A pesquisa envolveu 407 professores de Educação Física, de ambos os sexos, atuantes nos antigos 1º e 2º graus da rede oficial de ensino de Porto Alegre-RS.

O resultado da pesquisa confirmou a hipótese central - evidenciando a existência de estereotipia masculina e feminina entre professores -, e parte das 9 hipóteses complementares, além de apontar as divergências entre os professores sobre a atribuição de alguns adjetivos como masculinos ou femininos. Na conclusão do trabalho, Romero chamou a atenção para a importância de se repensar a questão dos papéis sexuais discriminados através da atividade física e propôs a introdução de conteúdos curriculares que alertassem para a questão da estereotipia na prática da Educação Física.

Trata-se de um trabalho que, posteriormente, foi utilizado pela própria autora para a elaboração de artigos sobre as relações de gênero, publicadas na RBCE. Dentre as publicações da autora, pode-se citar o que foi o primeiro artigo a tratar das relações de gênero no periódico, desde a sua criação, intitulado “Diferenças entre meninos e meninas quanto a estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação”, publicado em 1992 e “A Educação Física a serviço da ideologia sexista”, publicado em 1994, num número integralmente dedicado a esta temática.

<b>v.13, n.3, jun.1992</b>
----------------------------

RESUMO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

## **Educação Física: reflexo das concepções dominantes sobre o controle do corpo feminino**

Eliane Pardo Chagas  
Universidade Federal de Santa Maria

Neste trabalho, Chagas trata das formas e meios como o corpo feminino se padroniza, especificamente, na sociedade brasileira, e das implicações desse processo na visão que as próprias mulheres têm de seus corpos.

Segundo Chagas, há no imaginário feminino modelos de feminilidade hegemonicamente estabelecidos, que geram um fenômeno peculiar de discriminação e controle social exercido de fora para dentro e que motivam as mulheres a um auto-controle e auto-reforço visando à manutenção e à cristalização da padronização do corpo feminino na sua totalidade orgânica, psicológica e cultural.

A autora argumenta que esses modelos de corpo feminino, produzidos e veiculados pela Indústria Cultural <sup>16</sup>- forjados através da mídia, e mais especificamente, através da publicidade-, atuam produzindo a subjetividade feminina e inserindo a mulher na esfera da produção e do consumo, diminuindo o seu poder de resistência e atuação nos movimentos feministas.

Neste trabalho, procura analisar o impacto dessa padronização do corpo feminino – fruto da sociedade capitalista - na prática da Educação Física, tanto na instância escolar quanto na privada (academias de ginástica), apontando, também, essa disciplina como um possível espaço de resistência contra esse processo, uma vez que a resistência existe quando há o conflito social, que é refletido na Educação Física como o conflito entre os sexos.

Esta dissertação deu origem ao artigo “A Educação Física: escola de... formação do corpo feminino”, publicado pela autora, dois anos mais tarde, no número da RBCE integralmente dedicado a temática “gênero” (v.15, n.3, jun.1994).

---

<sup>16</sup> Este termo é empregado pela primeira vez por HORKHEIMER e ADORNO, em 1947, com o objetivo de tentar caracterizar a evolução e o progresso técnico, que atingiram os países desenvolvidos após a Segunda Guerra. A Indústria Cultural serve para caracterizar como, nestes países, a razão instrumental do capital se apropria dos fenômenos culturais, originalmente não materiais, para transforma-los em produtos, mercadorias que são vendidas da mesma forma que os produtos materiais, ampliando a esfera de apropriação ou da extração da mais-valia e incentivando o consumismo como sublimação, como meio de apaziguar os conflitos extração da mais-valia e incentivando o consumismo como sublimação, como meio de apaziguar os conflitos sociais. (CHAGAS, 1994, p. 255)

Esta revista foi toda dedicada à temática “gênero”.

#### RESUMO DE DISSERTAÇÃO

## QUANDO A DIFERENÇA É MITO: Análise da socialização específica para sexos sob o ponto de vista do Esporte e da Educação Física

Maria do Carmo Saraiva-Kunz

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

A dissertação trata da socialização específica para os sexos e das implicações desse processo para a sociedade como um todo e para a Educação Física, especificamente.

O problema central apontado pela autora para o processo de socialização é a desigualdade encontrada nos papéis sexuais, com a subordinação da mulher ao homem.

O processo de manutenção dessa ordem sexual inclui a aquisição de valores, normas e/ou preconceitos, os quais podem ser aprendidos através de estereótipos. No caso da sociedade ocidental contemporânea estes estereótipos são os integrantes da família burguesa, constituinte da moderna sociedade industrial, que tem como um de seus principais produtos o Esporte.

E é o Esporte que a autora usa para fazer a relação desse processo de socialização com a Educação Física. A autora aponta o Esporte como elemento da cultura de movimento que reforça a polaridade patriarcal dos sexos, que leva a socialização corporal para os sexos em separado.

A autora conta que a separação de meninos e meninas ou a dificuldade de realizar um trabalho com ambos os sexos em conjunto nas aulas de Educação Física deixou de ser um problema notado apenas nas séries do antigo primeiro grau, tornando-se evidente, para ela, também no nível da Graduação, sendo possível notar a “...incompatibilidade de

comportamento social entre homens e mulheres, causada pelo estereótipo sexual”. (SARAIVA-KUNZ, 1994, p.275)

Ela busca, então, na Sociologia teorias explicativas do desenvolvimento do comportamento estereotipado.

Por fim, propõe o “... redimensionamento psíquico das polaridades dos sexos, apoiado na Androginia, um conceito que abarca com as características de ambos os sexos no mesmo indivíduo” (*Idem*, p.275). Esse redimensionamento implicaria no resgate da sensibilidade, na emancipação feminina e, conseqüentemente, numa transformação social. Nesse sentido, a Educação Física poderia contribuir com aulas coeducativas, que possibilitassem a desconstrução do estereótipo sexual.

Essa dissertação parece ter dado origem, também, ao artigo “O Gênero: confronto de culturas em aulas de Educação Física”, de autoria da própria Saraiva-Kunz e publicada no mesmo número da revista em que foi publicado este resumo da dissertação.

v.20, n.2, abr./set. 1999
---------------------------

RESUMO DE DISSERTAÇÃO

## Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física

Helena Altmann

Orientadora: Prof. Dra. Eustáquia Salvadora Sousa

O objetivo da autora nessa dissertação foi compreender como meninos e meninas constroem as relações de gênero na Educação Física. Para isso, ela realizou uma pesquisa de campo numa escola da Rede Municipal de Belo Horizonte, que por força da lei, passou a ter, desde 1991, turmas mistas nas aulas de Educação Física.

A pesquisa foi feita durante cerca de 7 meses, no ano de 1998, e contou com 4 turmas de 5ª série - que tinham alunos de 11 a 15 anos de idade -, a professora de Educação Física das turmas e outros professores e professoras, os quais foram entrevistados e observados em festas, recreios, reuniões, e nas aulas de Educação Física e de outras disciplinas.

Três categorias de análise se destacaram: a ocupação do espaço físico escolar, as exclusões dos jogos esportivos e o cruzamento de fronteiras de gênero e de sexualidade na escola.

A autora diz que os meninos ocupavam espaços mais amplos por meio do esporte, cuja prática era vinculada à masculinidade forte, violenta e vitoriosa, e também através da transgressão das normas da escola, ao ocupar aqueles espaços que não eram permitidos. As meninas costumavam transgredir menos as normas escolares, mas procuravam conseguir o que queriam por meio da construção de uma relação de cumplicidade com a professora.

Embora as conseqüências do rompimento das fronteiras de espaço e comportamento na escola rendessem ofensas aos desafiantes, a autora relata que algumas alunas se misturavam aos garotos durante o recreio para jogar bola e algumas delas, ao demonstrar habilidade para o jogo, conseguiam se legitimar naquele espaço. Isso, contudo, não era aceito por parte dos meninos, que se sentiam ameaçados por essas meninas e não gostavam, também, de jogar contra outras meninas, menos habilidosas, porque elas não lhes legitimavam a masculinidade. Assim, procuravam excluir a todas, ao mesmo tempo em que elas se excluíam para não sofrerem deboches e agressões.

Por outro lado, a autora notou também os espaços em que essas fronteiras caíam. Em brincadeiras de paquera, meninos e meninas atuam no mesmo espaço.

A análise das observações mostrou que as fronteiras de gênero existem, mas não são rígidas.

A autora concluiu que a separação de meninos e meninas contribui para: estabelecer uma divisão polarizada entre os gêneros; exagerar a genereficação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando as diferenças existentes dentro de cada gênero; e tornar as fronteiras de gênero mais rígidas do que realmente são, negando a meninas e meninos a possibilidade de cruza-las, de escolherem ficar juntos ou separados.

### **3.3 Temas Livres, Relatos de Experiência, Comunicações Coordenadas, Mesas e Seminários Introdutórios**

v.1, n.1, set.1979

MESA REDONDA<sup>17</sup>

TÍTULO	AUTOR
Participação da Mulher brasileira no Esporte	Laércio Elias Pereira - Universidade Federal do Maranhão

v.9, n.1, set.1987

ANAIS DO V COMBRACE

TEMAS LIVRES<sup>18</sup>

TÍTULO	AUTOR(ES)/AUTORA(S)
Abordagem Co-educacional de Educação Física no 3º grau: Inovação Pedagógica	Anita S.M. Rondon Miranda Lucila Rondon Andrade
A co-educação: um enfoque alternativo nas aulas de Educação Física	Marcelo Tavares Tereza Luíza de França

<sup>17</sup> Não há a descrição do trabalho no volume consultado.

<sup>18</sup> As descrições dos trabalhos seguem em anexo.

v.13, n.1, set.1991

ANAIS DO VII COMBRACE

COMUNICAÇÕES COORDENADAS

TÍTULO	AUTORA/AUTOR
Estudos sobre estereótipos sexuais em professores de Educação Física	Elaine Romero
Influência de programas radiofônicos na mudança de atitude quanto a percepção da atividade física em escolares de ambos os sexos	Sérgio Carvalho

v.15, n.1, set.1993

ANAIS DO VIII COMBRACE

COMUNICAÇÕES COORDENADAS

TÍTULO	AUTORA
Estereótipos sexuais e Educação Física <sup>19</sup>	Maria do Carmo Saraiva-Kunz

<sup>19</sup> Este trabalho parece ser fruto de sua dissertação de mestrado, cujo resumo se encontra mais adiante nesta monografia. Saraiva-Kunz foi uma das coordenadoras do grupo de "Saúde e Educação Física Adaptada".

v.15, n.3, jun. 1994

Esta revista foi toda dedicada à temática “gênero”.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

## O trabalho corporal como integrante do processo de resgate da auto-estima em mulheres vítimas de violência

Helena Altmann

Aluna do curso de graduação em Educação Física- ESEF/UFRGS. Bolsista PET/CAPES

Patrícia Rodrigues de Borba Vieira

Aluna do curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino da Educação Física-ESEF-UFRGS

Silvana Vilodre Goellner

Professora do Departamento de Desportos-ESEF-UFRGS

O texto traz algumas considerações acerca do tema violência sexual e doméstica sofrida por mulheres e o relato de uma experiência iniciada no atendimento às mulheres vítimas dessas violências através do trabalho corporal como terapia.

As autoras do artigo afirmavam que, naquela época, a violência contra a mulher aparecia como uma temática de discussão e intervenção em diferentes instâncias da sociedade brasileira, o que acontecia, segundo elas, devido aos altos índices de atos violentos contra mulheres, à denúncia dos mesmos - impulsionadas pelos movimentos feministas - e à produção acadêmica referente às relações de gênero.

Tocado pela emergência do assunto, o poder público passava a construir espaços como delegacias, conselhos e outras instituições, especificamente, para o apoio às mulheres. Nesse contexto, surgia a Casa de Apoio Viva Maria, em Porto Alegre-RS, gerenciada pela Secretaria Municipal de Saúde e Serviço Social e que prestava atendimento psicológico, jurídico e social às mulheres vítimas de violência doméstica e sexual.

Na época em que foi publicado o relato, o trabalho na Casa de Apoio ainda se encontrava em seu início, com previsão para durar cerca de 2 anos.

Pretendia-se desenvolver o trabalho em 3 níveis: através de uma pesquisa junto à Casa e à Delegacia da Mulher para conhecer a situação de violência contra as mulheres na cidade de Porto Alegre; junto à equipe multidisciplinar da Casa para conhecer seu funcionamento; e junto às albergadas, na construção de um trabalho corporal, cujos objetivos principais eram recuperar ou desenvolver a auto-estima e a valorização do corpo. As práticas corporais eram realizadas no sentido de recuperar os aspectos lúdicos e prazerosos que permeavam as relações dessas mulheres com seus corpos.

Este trabalho foi começado a ser realizado, semanalmente, com as albergadas que tinham interesse. As sessões eram constituídas por vivências corporais coletivas, avaliadas e redimensionadas pelo grupo, a cada encontro, através de discussões. Além dessa avaliação, realizava-se, também, um trabalho individualizado, em que se buscava, mediante entrevistas, conhecer as histórias e vidas dessas mulheres e as relações que estabeleciam com seus corpos, com a violência e com a auto-estima.

Vale destacar um aspecto da violência retirado pelas autoras dos estudos de Goldemberg *et alii.* (1990), que chama a atenção para a violência não apenas na forma de agressão física, mas também em outras - como a verbal -, que ocorrem de maneira mais permanente, provocando "...pequenas mortes cotidianas que vão desde a educação, que tolhe o potencial de desenvolvimento intelectual e toda uma cultura de auto-depreciação",<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> (GOLDEMBERG, Paulete et al, 1990) *apud* (ALTMANN, H.; PILOTTO, F.; GOELLNER, S., 1994).

v. 17, n.1, set.1995

ANAIS IX COMBRACE

SEMINÁRIOS INTRODUTÓRIOS <sup>21</sup>

TÍTULO	AUTORA
A Educação Física e a questão de gênero	Eustáquia Salvadora de Souza

TEMAS LIVRES <sup>22</sup>

TÍTULO	AUTORA(S)/AUTOR(ES)
Ideologia sexista nas atividades motoras de crianças das séries iniciais	Maria Aparecida Passini
Corpos femininos na relação com a cultura	Heloísa Turini Bruhns
Vivências corporais em mulheres em situação de violência <sup>23</sup>	Helena Altmann, Fátima Pilotto, Patrícia Vieira e Silvana Goellner

COMUNICAÇÃO COORDENADA <sup>24</sup>

TÍTULO	AUTORA
Meninos à marcha! Meninas à sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)	Eustáquia Salvadora de Souza

<sup>21</sup> O periódico não apresenta a descrição desse trabalho.

<sup>22</sup> As descrições dos trabalhos citados seguem em anexo.

<sup>23</sup> O trabalho apresentado se referia ao andamento de um projeto de trabalho corporal com albergadas de uma casa de apoio iniciado no ano anterior. O conteúdo do projeto foi publicado na RBCE v.15, n.3, jun.1994, na seção Relato de experiência com o título "O trabalho corporal como integrante do processo de resgate da auto-estima em mulheres vítimas de violência". Nesta monografia, realizou-se o resumo do relato, cuja íntegra pode ser encontrada nos anexos.

<sup>24</sup> A descrição do trabalho segue em anexo.

## ANAIS XI COMBRACE

MESA REDONDA

# Mistérios do Corpo Feminino, ou as Muitas Descobertas do Clitóris

Margareth Rago

Departamento de História - IFCH-Unicamp

Este texto foi apresentado numa das mesas de discussão, cujo tema foi “Corpo e Racionalidades” e que contou, também, com a participação e apresentação de Ana Márcia Silva<sup>25</sup> com o texto “A razão e o corpo do mundo” e de Denise Bernuzzi de Santana<sup>26</sup>, com “Das razões do culto ao corpo às condutas éticas”.

Rago trata em seu texto da história ocidental da sexualidade feminina, abordando os diversos tratamentos que o clitóris – órgão feminino do orgasmo – recebeu ao longo da história, ora sendo esquecido, ora sendo lembrado.

O questionamento que levou a autora a refletir e escrever sobre esse tema se refere as razões, que levaram ao esquecimento ou apagamento do pequeno órgão feminino em cada época histórica e seu posterior e abrupto renascimento. Nas palavras dela:

[Será possível detectar algum fenômeno maior associado a este movimento? Será possível dizer que o clitóris é redescoberto em momentos de modernização econômica e de maior liberação das mulheres e, do mesmo modo, esquecido e silenciado em momentos de maior retração, de maior repressão moral e conservadorismo político? Seria o controle dessa informação sobre o corpo da mulher uma forma de contenção do desejo e normatização das relações de gênero, garantindo o lugar do sexo forte?] (RAGO, 1999)

---

<sup>25</sup> UFSC

<sup>26</sup> PUC/SP

A hipótese levantada pela autora como resposta para essas questões é a de que “... o clitóris é silenciado física e discursivamente nos momentos de maior controle sobre a mulher, sobretudo naqueles em que é associada à figura de mãe e, portanto, totalmente dessexualizada”.

Para avaliar a sua hipótese, Rago fez uma releitura médica do corpo feminino no século XVIII europeu e no período do XIX até as décadas mais recentes, incluindo aí o Brasil, referindo-se, então, principalmente, a história desse país.

Em sua conclusão a autora aponta a validade de sua hipótese, fazendo a ressalva de que não há ainda uma resposta definitiva para explicar as razões da alternância entre esquecimento e redescoberta do clitóris ao longo da história. Segundo ela, é possível perceber que “... em momentos de desestabilização social, provocada pela modernização econômica e pela transformação social dos hábitos, as discussões sobre a capacidade desejante da mulher, ou sua possível igualdade em relação aos homens também em matéria de sentimentos, instintos e sensações ganham destaque e, com elas, o clitóris ganha visibilidade”; e que “... as informações médicas sobre a anatomia do corpo feminino e seu funcionamento variam conforme o maior conservadorismo ou progressismo da época”. Chama a atenção aí, para o fato de que a leitura do corpo, mesmo que científica e baseada na biologia, varia em cada época, sendo influenciada tanto pelas representações corporais produzidas, quanto segundo os interesses políticos e ideológicos dominantes. Sugere, por fim, que uma análise psicanalítica permitiria aprofundar o entendimento a respeito do tema “corpo e suas racionalidades”.

#### SEMINÁRIO INTRODUTÓRIO <sup>27</sup>

TÍTULO	MINISTRANTE/MONITOR
Gênero e Co-educação	Maria do Carmo Saraiva-Kunz / Jaison J.Bassami

<sup>27</sup> A ementa segue em anexo.

## 3.4 Comunicações Orais e Pôsteres

v.15, n.1, set.1993

### ANAIS DO VIII COMBRACE

#### COMUNICAÇÕES ORAIS <sup>28</sup>

TÍTULO	AUTORA(S)/AUTOR(ES)
A Educação Física e a padronização dos corpos femininos	Helena ALTMANN <sup>29</sup>
Lazer da mulher camponesa: do vivido ao aspirado	Elizara Carolina MARIN
A produção acadêmica brasileira sobre o gênero aplicado à Educação Física	Eustáquia Souza <sup>30</sup> Salvadora de

<sup>28</sup> As descrições destes trabalhos podem ser encontradas nos anexos.

<sup>29</sup> Esta é a primeira aparição de ALTMANN no periódico para tratar do tema gênero. Posteriormente, publicou mais dois: “O trabalho corporal como integrante do processo de resgate da auto-estima em mulheres vítimas de violência” – relato de experiência, v.15, n.3, jun. 1994; “Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física” – resumo de sua dissertação, v.20, n.2, abr/set. 1999.

<sup>30</sup> SOUZA é mais uma pesquisadora que atua fortemente na linha de pesquisa das relações de gênero. “MENINOS À MARCHA! MENINAS À SOMBRA! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)” é o título da sua tese de doutorado, defendida em 1994 na Faculdade de Educação da Unicamp e apresentada no IX COMBRACE, em 1995. Foi a orientadora da dissertação de mestrado de Helena ALTMANN, citada acima.

v.19, n.1, set.1997

## Anais do X COMBRACE

GTT<sup>31</sup>

TÍTULO	AUTORA(S)/AUTOR(ES)
A mídia impressa e o 'futebol de saias' do Brasil: uma análise dos jogos olímpicos de Atlanta 1996	Ana Júlia Pinto Pacheco Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior
A gestualidade dos corpos nas academias e seus contornos masculino-femininos	Cristiane Ker de Melo
As relações de gênero nas aulas de Educação Física: o caso de uma escola em Campina Grande-PB	José Luís Ferreira
Educação Física Feminina: A Beleza e Vigor a Perspectiva da Escola Normal de Sergipe	Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Histórias de vida de mulheres idosas que vivem com alegria a terceira idade	M <sup>a</sup> Goretti da Cunha Lisboa Kátia Brandão Cavalcanti

<sup>31</sup> Grupos de Trabalho Temático – adotados pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte desde o COMBRACE realizado em Goiânia, no ano de 1997. Esta organização acadêmica visa à criação de espaços de temas pertinentes à pesquisa em Educação Física e Ciências do Esporte. Atualmente há 13 grupos a saber: atividade física e saúde; comunicação e mídia; epistemologia; escola; formação profissional/campo de trabalho; corpo e cultura; movimentos sociais; pessoas portadoras de necessidades especiais; políticas públicas; pós-graduação; recreação/lazer; rendimento de alto nível; memórias da Educação Física e Esporte. As descrições dos trabalhos citados seguem em anexo.

v.21, n.1, set.1999

## ANAIS XI COMBRACE

### GTT<sup>32</sup>

TÍTULO	AUTORA
Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física	Helena Altmann

### PÔSTERES<sup>33</sup>

TÍTULO	AUTORA(S)/AUTOR(ES)
Políticas públicas e relações de gênero no âmbito do lazer	Augusto César Rios Leiro
A relação das mulheres que fazem parte da população economicamente ativa, casadas, que têm filhos, com o lazer	Sandra Rogéria de Oliveira
Gênero e Dança na Educação Física Escolar	Elaine Romero Simone Costa Kallini P. Aroeira
Posso brincar? Mas é jogo de menino ou menina?	Gildo Volpato Viktor Shigunov
História desportiva familiar e participação feminina	Patrícia R. Machado Cíntia Noller Edmilson S. dos Santos
A história do voleibol feminino em São José dos	Juliana Martins Pereira

<sup>32</sup> A descrição do trabalho citado segue em anexo.

<sup>33</sup> As descrições dos trabalhos seguem em anexo.

---

Campos: dados iniciais

O desvelar da corporeidade feminina

Larissa Kelly de O. M. Tibúrcio

O Esporte escolar no Brasil e a formação de homens fortes, corajosos, dóceis: um olhar histórico

Maria Cecília de Paula Silva

A exposição e a transmutação do corpo feminino

Elaine Melo de Brito Costa  
Silvana Venâncio

Esporte e relações de gênero no Rio de Janeiro do século XIX: a participação feminina

Victor Andrade de Melo

---

**Outubro de 2001- Caderno de programação científica e resumos  
do  
XII COMBRACE**

**PÔSTERES<sup>34</sup>**

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORAS(ES)</b>
A influência do gênero nos motivos para a prática motora escolar	Adriana Berleze
Educação Física escolar e exclusão: uma reflexão sobre gênero	Larissa Kelly de Oliveira Marques Tibúrcio Anna Paulla de Carvalho Bezerra
Corpo, Educação Física e Sexualidade	Josean PierreCardoso de Araujo
Mulheres e Esporte de Rendimento: implicações psicológicas e dimensões históricas	Jorge Dorfman Knijnik Marcos Mérida Lílian D. Marques Juliana Sturmer Souza Fernando Mello Elizeu Macedo
O imaginário das corredoras de longa distância	Geovana Alves Coiceiro
Relações de gênero e infância: a prática de ensino de Educação Física numa abordagem investigativa	Roselei Schmitz Deborah Thomé Sayão
Gênero, magistério e poder na Universidade de Pernambuco	Iris Maria Nogueira Libonat

<sup>34</sup> O caderno de programação científica e resumos do congresso contém as descrições dos pôsteres e das comunicações orais.

## COMUNICAÇÕES ORAIS

---

TÍTULO	AUTORAS(ES)
A influência da mídia/televisão nas relações de gênero nas aulas de Educação Física	Claudete Cembranel
A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença?	Maria Regina Ferreira da Costa Rogério Goulart da Silva
Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais	Helena Altmann
Mulheres comandando equipes esportivas de alto nível	Gabriela Aragão Souza de Oliveira
Gênero e Educação Física: o que dizia a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?	Agripino Alves Luz Junior
O estado da arte da atividade física e esportiva da mulher brasileira	Ludmila Mourão
O jogo no cotidiano de um presídio feminino: “meio de sobrevivência e instrumento de adaptação”	Fernanda Medeiros B. das Neves
A participação feminina nos esportes na natureza: um vôo no universo do desafio e da Incerteza	Luciana Silva Abidalad Vera Lúcia de Menezes Costa

---

## **4 A Educação Física e o gênero...interpretações**

Diferenças entre homens e mulheres sempre existiram em todas as sociedades. Este é um fato que não se pode negar. Contudo, se investigarmos como a diferenciação entre homens e mulheres opera em diversas culturas, etnias e classes, perceberemos contradições e diferenças nas representações de masculinidade e feminilidade.

Por uma série de fatores, a distinção entre masculino e feminino tem estabelecido, na maioria das etnias, uma relação de dominação/subordinação entre homens e mulheres, em que as características biológicas, tais como as capacidades de engravidar e amamentar, têm sido usadas para justificar como naturais o confinamento da mulher no lar, cabendo a ela maior responsabilidade pela educação dos filhos e a estabilidade da estrutura familiar, e ao homem maior responsabilidade em dominar o espaço público e prover o sustento da família.

Para contestar essa naturalização, estudiosas feministas como Joan W. Scott se apropriaram, na década de 1980, do termo gênero para se referirem "... a organização social da diferença sexual" (SCOTT, Cadernos Pagu, n.3, 1994). Ou seja, passa-se a argumentar que não são os caracteres biológicos os determinantes unívocos das diferenças sociais. Há o reconhecimento de que são as representações que fazemos desses caracteres os constituintes das diferenças entre os gêneros.

Ao longo da história, anonimamente, é possível que a resistência das mulheres contra a secundarização de seu sexo tenha sempre existido. Somente há alguns séculos, porém, vêm surgindo registros de mulheres que lutaram por direitos trabalhistas, pelo sufrágio universal e pela liberdade. A argumentação contra o caráter sexista dos papéis

masculino e feminino só ganhou espaço na sociedade a partir das teorias que expuseram a variabilidade, a particularidade e a provisoriedade dos conceitos relacionados ao gênero.

Verifica-se ao longo da história que, nas diversas épocas e sociedades, a necessidade de classificação dos indivíduos para o estabelecimento de uma determinada organização social fez-se presente. Em muitas delas, um dos principais critérios para tal organização foi o sexo, sendo as mulheres consideradas, basicamente, pela sua função reprodutiva e os homens pela força física.

Muitas sociedades foram e continuam a ser organizadas a partir da divisão dos indivíduos pelo sexo.

Na sociedade ocidental cristã, constatam-se as polarizações nas relações entre homens e mulheres. Parte-se do pressuposto que ambos se completam, numa relação em que o homem possibilita à mulher o cumprimento de sua função materna. Ele – forte, valente e líder, é responsável pela proteção da família, pela vida pública, e pelas decisões privadas e públicas; Ela, naturalmente frágil e submissa, recebe a proteção necessária, tendo para si o espaço privado do lar, onde pode utilizar suas qualidades diferenciadas, tais como sensibilidade e delicadeza, em prol de algo bom para a sociedade: o cuidado da família (LOURO, 2000).

Assim, às mulheres e aos homens, são atribuídas características de acordo com o sexo e quando se pensa em gênero, a idéia que parece ser a mais comum sobre esse conceito é a de dois conjuntos de características que servem para distinguir o gênero masculino do feminino e para normatizar os comportamentos dos indivíduos, conforme seu sexo. O homem deve ser forte, corajoso e líder, estas são suas virtudes. A mulher deve ser delicada e sensível, porém pode ser também frágil e medrosa, defeitos que somente nela são tolerados. E ambos devem ser heterossexuais.

Entretanto, ao conceituarmos dessa forma o termo gênero, cometemos um equívoco ao utilizá-lo para normatizar comportamentos, que são limitados de acordo com as características atribuídas ao seu sexo.

Não foi com esse intuito que estudiosas e estudiosos de gênero desenvolveram suas pesquisas. Estes podem até, ao pesquisar um determinado grupo social, em uma determinada época, elencar características predominantes para cada sexo, mas o fazem não para normatizar comportamentos, e sim para entender como a sociedade se

organiza em função das relações entre mulheres e homens. Ou seja, “gênero”, neste caso, é tratado como categoria de análise histórica, servindo, portanto, como uma das categorias que possibilitam a análise das relações sociais em uma dada sociedade, e não para determinar como homens e mulheres devem se comportar. Os comportamentos devem determinar o gênero e não o contrário.

Homens e mulheres se comportam de inúmeras formas, influenciados não só pelo seu sexo e pela relações de gênero estabelecidas, mas também pelas condições de classe e etnia, dentre outros fatores, que em interação formam o indivíduo e as sociedades.

Num mesmo grupo social, mulheres são diferentes umas das outras, umas mais do que as outras. Entretanto, apresentam também semelhanças, que tornam possível sua identificação como mulheres de um determinado grupo, e não de outro: a forma de se vestir e de falar, o tipo de trabalho que exercem, as gestualidades singulares, a relação estabelecida com homens e com outras mulheres, a sexualidade...Ou seja, há inúmeras formas de ser do gênero feminino ou masculino. O gênero pode ser caracterizado, também pela pluralidade e mutabilidade, possíveis graças à individualidade do ser humano, que cria e recria diferentes formas de ser e de se colocar no mundo. O que é definido como feminino em nossa época pode passar a constituir o universo masculino ou ainda não ser uma característica que distinga os gêneros futuramente.

“Gênero”, como constatou Scott 1988, é uma maneira de “se referir à organização social da relação entre os sexos”. Já a atribuição arbitrária de características que visam à rotulação do que é masculino ou feminino, denomina-se “sexismo”. (DELAMONT, 1985).

Ao consultar as fontes para esta pesquisa, a impressão que ficou foi a de que a maioria das(os) estudiosas(os) de gênero são feministas, as(os) quais movidas(os) pelas constatações das desigualdades entre homens e mulheres, engajaram-se em protestar contra elas, indo, em muitos casos, além, ao desenvolver trabalhos para teorizar gênero e, assim, apontar as causas da subordinação feminina e as formas de extinguí-la.

Embora a idéia de que as relações entre homens e mulheres são construídas socialmente seja bem aceita entre as estudiosas e estudiosos do tema gênero, há ainda muitas discordâncias entre aquelas e aqueles que se propõe a teorizar gênero, isto é, a defini-lo como categoria de análise histórica, explicando como ele é construído, como

opera no indivíduo e na sociedade, como é reproduzido e como suas relações podem ser transformadas.

Scott (1995) afirma que a preocupação em teorizar gênero como uma categoria analítica é recente, tendo surgido somente no final do século XX. Constitui-se, portanto, num campo de estudos marcado, ainda, mais por incertezas, questionamentos e hipóteses variadas e, por vezes, incompletas, do que por teorias consolidadas. A mesma autora, historiadora feminista, diz que ao tentar desenvolver teorias sobre esse tema, muitos historiadores o fizeram de maneira limitada, com uns constatando "...a existência de fenômenos ou de realidades, sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade...", caindo numa abordagem descritiva; e outros empenhados em teorizar sobre "...a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando compreender como e porque eles tomam as formas que têm", sem, contudo, conseguir fazê-lo de forma completa SCOTT (1995, p.74).

Dentre as abordagens teóricas, ela destaca 3 posições principais:

A primeira baseia suas explicações na organização patriarcal da sociedade. Segundo algumas representantes dessa abordagem, a subordinação das mulheres aos homens poderia ser explicada pela "necessidade" masculina de dominar as mulheres oriunda do desejo que teriam os homens de transcender a sua alienação dos meios de reprodução da espécie. A solução apontada pela teórica Sulamith Firestone<sup>35</sup> para acabar com a subordinação feminina seria livrar as mulheres do papel de engravidar, por meio de tecnologias capazes de manter a perpetuação da espécie.

Outras representantes desta abordagem defendem que a organização patriarcal existe graças ao controle que os homens têm sobre a sexualidade feminina: "A sexualidade está para o feminismo, assim como o trabalho está para o marxismo: é aquilo que mais nos pertence e o que todavia nos é mais subtraído", "A objetificação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres" (MACKINNON apud SCOTT, 1995, p.77).

Entretanto, Scott aponta essa hipótese como deficiente por não haver explicações sobre como esse sistema de dominação pelo controle da sexualidade funciona. Além disso, ambas as abordagens das teóricas do patriarcado concentram-se na diferença física, "...quer tome a forma da apropriação do trabalho reprodutivo da mulher pelo homem,

---

<sup>35</sup> Scott (1988), além de fazer referências a Firestone (1995), indica uma de suas obras intitulada "The Dialectic of Sex" (Nova York: Bantam Books, 1970)

quer tome a forma de objetificação sexual das mulheres pelos homens”, em detrimento do social e do cultural (SCOTT, 1995, p.78).

A segunda posição é a das feministas marxistas, que apresentam uma abordagem mais histórica, procurando uma explicação de base material para o gênero. Em suas explicações, há aquelas que aliam capitalismo e patriarcado, e outras que tomam como base principal para as suas análises os modos de produção. A reserva de Scott em relação a essas abordagens é explicada pela determinância com que são tratados os fatores econômicos, em detrimento das relações familiares e das sexualidades que acabam sendo tratadas como produtos dos modos de produção.

A terceira posição analisada pela historiadora é aquela que leva em conta a estrutura psíquica da identidade de gênero, baseando-se na psicanálise para explicar a produção e a reprodução dela (SCOTT, 1995, p.77). Esta posição é representada por duas correntes: a das teóricas das relações do objeto, que enfatizam “... a influência da experiência concreta (a criança vê, ouve, tem relações com aqueles que se ocupam dela, em particular, obviamente, com seus pais)...”; e a das pós-estruturalistas que enfatizam “... o papel central da linguagem na comunicação, na interpretação e na representação de gênero” (entenda-se linguagem como sistemas de significação ou ordens simbólicas que precedem o domínio real da fala, da leitura e da escrita) (Idem, p.80).

O tratamento mais aprofundado acerca das abordagens de gênero pode ser consultado no artigo da autora acima citada intitulado “Gênero: uma categoria de análise histórica”<sup>36</sup>.

Para o presente trabalho o importante é mostrar que há diferentes abordagens sobre o tema “gênero”, que levam em conta diferentes fatores para explicar como se dá a organização social da relação entre homens e mulheres. Algumas põem em destaque as características físicas distintas entre os sexos; outras, as condições históricas e sociais em que se atribuem diferentes significados para cada sexo; aquelas que consideram a estrutura psíquica dos indivíduos; ou ainda; aqueles que mesclam os fatores acima citados.

---

<sup>36</sup> Publicado no periódico “Educação e Realidade”, v.20, n.2, jul./dez.1995, p.71-99

Aqui, a análise das concepções de gênero consiste em identificar quais são os diagnósticos que eles e elas dão sobre as relações de gênero, que tipos de relações sugerem e as abordagens das quais são representantes ou de que se aproximam.

Embora alguns trabalhos tenham sido encontrados já na primeira década do periódico, a temática “gênero” parece ter iniciado sua consolidação no início da década de 90, possivelmente por influência das feministas norte-americanas, inglesas e francesas, cujas obras começaram a ter destaque no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980, nas Ciências Humanas e na Educação.

Dentre os pesquisadores, destacam-se Miranda (1987), Tavares (1987), Cardoso (1994) e Ferreira (1997), os quais foram os primeiros homens, até meados da década de 90, a publicarem sobre a temática em questão na RBCE e nos anais dos CONBRACES.

Em relação à década de 90, especificamente, merecem destaque pesquisadoras como Romero, Chagas, Altmann, Souza, França, Saraiva-Kunz e Goellner. Todas elas foram responsáveis por duas ou mais publicações, fazendo-se presente, ao longo dessa década, nos CONBRACES e em várias das sessões do periódico.

O final da década de 90 e o início desta podem ser caracterizados pela expansão da produção, tanto na quantidade de publicações, quanto na variedade de autoras(es). O progressivo aumento de trabalhos sobre “gênero” pode ser explicado tanto pelo crescimento do CONBRACE, que resultou no aumento de publicações de vários campos de pesquisa da Educação Física, quanto pelo reconhecimento da importância do tema em questão.

Notou-se que a possibilidade que os congressos oferecem de se expor num mesmo evento uma grande quantidade de trabalhos favoreceu a maior incidência de pesquisas sobre o tema “gênero” neles. Os pôsteres, no XI CONBRACE, realizado em 1999, caracterizaram-se como o principal meio de divulgação dos trabalhos sobre “gênero”.

Dentre os pesquisadores e pesquisadoras, percebe-se que a maioria é composta por mulheres. Essa é uma característica dos estudos de “gênero”, que acabam constituindo um campo de estudos marcado pelo feminismo, em que as pesquisadoras denunciam as desigualdades entre homens e mulheres, além de procurar apontar caminhos para transformações que as superem. Contudo, há que se reconhecer a importância dos

homens que vêm contribuindo cada vez mais com estudos em defesa da igualdade de oportunidades entre os gêneros.

Tal igualdade, tanto para as pesquisadoras, quanto para os pesquisadores, significa não somente o fim da subordinação feminina, mas também a libertação dos homens de uma moral que lhes tem impedido de desenvolver a sensibilidade e a expressividade. O que se busca nesse caso, é acabar com a polarização entre os gêneros, que tem operado num mecanismo que se baseia na supressão de caracteres físicos e comportamentais ambíguos no homem e na mulher, de modo que cada um busque uma aparente totalidade, respectivamente, masculina e feminina. Essa busca, no entanto, pode se mostrar conflituosa, pois as definições dessas totalidades são imprecisas, refletindo o potencial de ambos os gêneros para os mesmos valores e comportamentos, e a permanente construção das identidades de gênero. (MITCHELL & ROSE,1983 citadas por SCOTT,1995, p.82)

O ponto de partida comum à maioria dos trabalhos é a constatação do sexismo em algum âmbito da Educação Física, principalmente na escola ou nos espaços destinados ao fitness e ao esporte. Nesses espaços, as(os) pesquisadoras(es) identificam a reprodução dos estereótipos sexuais vigentes na sociedade, que são reforçados, também, pela família e pela mídia na forma de publicidade.

Vários(as) autores(as) apontam a desigualdade de oportunidades como o principal problema que a tentativa de reprodução de estereótipos nas aulas de Educação Física provoca. Saraiva-Kunz (1994 a) faz uma crítica, especificamente, ao esporte, que devido à exaltação de valores como rendimento, competitividade e força física, característicos da masculinidade moderna, tem contribuído para separar meninos de meninas nas aulas. Propõe como solução o redimensionamento da prática esportiva por meio da inserção de qualidades femininas como sensibilidade e cooperação na forma de jogar, de modo que meninos e meninas valorizem a androginia em substituição a polarização entre os gêneros. Contudo, classificar a cooperação e a sensibilidade como atributos femininos é diferenciar o masculino e o feminino pela presença ou ausência dessas qualidades, é valorizar um jeito de ser mulher em detrimento de outros. Constitui-se numa forma de identificar as diferenças como virtudes, num equívoco na busca pela igualdade (GOELLNER e SOARES, 1994).

Inserir algumas qualidades numa prática pode significar excluir outras, que são seus opostos. Assim, incluir um grupo em uma prática, mediante a inserção de suas qualidades nela, pode resultar em exclusão, novamente, daqueles que são destituídos das qualidades ora valorizadas. A igualdade não será garantida quando todos possuírem algumas virtudes, eleitas arbitrariamente, mas sim quando houver respeito às diferenças e à individualidade, independentemente do gênero, da etnia ou do credo. Além disso, a criatividade humana torna possíveis as invenções e transformações de inúmeras práticas, não sendo necessário privilegiar uma delas, tornando-a ideal para todos, ou ainda, tornando todos ideais para praticá-la.

Outro ponto bastante lembrado nos trabalhos é a subjugação das mulheres. Altmann *et al* (1994, 1995) relatam o processo de resgate da auto-estima de mulheres vítimas de violência. Chagas (1992, 1994) chama a atenção para a padronização e controle do corpo feminino na sociedade capitalista.

Vários dos trabalhos sugerem procedimentos para que as desigualdades entre os gêneros sejam eliminadas ou, pelo menos, reduzidas. Romero (1992) sugere a realização de mudanças nos currículos de todos os graus de ensino e a reciclagem de professores para a adoção de uma postura não-sexista. Taffarel e França (1994) apontam como fundamental para a emancipação feminina a tomada de consciência política por parte das mulheres, argumentando que os benefícios em favor delas não devem ser concedidos, mas sim conquistados, de maneira que a crença na inferioridade feminina não seja reforçada. Goellner e Soares (1994) reforçam a necessidade de atenção à exacerbação das diferenças, uma vez que esta atitude poderia potencializar a discriminação sexual. Miranda e Andrade (1987), Tavares e França (1987), Cardoso (1994), Saraiva-Kunz e Bassami (1999) e Costa e Silva (2001, 2002) fazem referências a co-educação, que deve se caracterizar pela construção da igualdade entre os gêneros em turmas mistas.

Quanto a teorias sobre a construção e a transformação das identidades de gênero há poucas referências. Romero (1992) afirma que a identidade de gênero é construída ao longo do processo de socialização. Embora nasça com um potencial para desenvolver qualquer tipo de comportamento, o indivíduo é educado pela família e pela sociedade, de maneira que aprenda desde cedo que tipo de comportamento é esperado para cada gênero e se identifique, ao crescer, com um deles, de preferência com o que

corresponde ao seu sexo. Cardoso (1994) reconhece que as diferenças biológicas básicas entre mulheres e homens, representadas pela força física masculina e pela capacidade de engravidar feminina, explicam a tendência do homem para a guerra e a da mulher para a criação dos filhos, embora a cultura possa ter uma forte influência e fazer com que os indivíduos apresentem comportamentos diferentes destes.

Taffarel e França (1994) adotam um referencial teórico marxista, baseando-se em Kelly J., cuja teoria indica a interação entre os sistemas econômicos e de gênero como responsáveis pela produção de experiências sociais e históricas. Explicam que a desigualdade entre os gêneros é o desdobramento da lógica do domínio de uns sobre os outros que rege a sociedade, manifestando-se também nas relações de classe e etnia. Portanto, assim como nas lutas de classe, a busca pela igualdade de oportunidades entre os gêneros necessita de conscientização política por parte do grupo subjugado, que no caso é o feminino.

Em geral, os trabalhos tendem a retratar processos de emancipação feminina em várias áreas de Educação Física ou a denunciar o sexismo e defender uma concepção de gênero caracterizada pela igualdade de oportunidades. Contudo, um dos artigos acaba apresentando uma visão utilitarista da mulher. No artigo "Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol", da autoria de Motta (1998), um dos procedimentos sugeridos para a diminuição da violência é a genitalização das torcidas, isto é, um dos papéis das mulheres no estádio seria atrair os olhares masculinos, de modo que eles não se ocupassem com provocações aos outros torcedores. Para tanto, segundo o autor, as mulheres não deveriam ir ao estádio uniformizadas como os homens, mas sim com roupas que atraíssem os olhares deles.

O pôster de Silva, M. C. de P. (1999) e os artigos de Motta (1998), Costa e Silva (2002), Schargarodsky (2002) e de Moreno (2003) são os únicos trabalhos encontrados que se referem, especificamente, aos homens.

A temática "gênero" parece ter se consolidado nos CONBRACES, mas ainda deve ter uma aparição mais freqüente em forma de artigo no periódico. Contudo, ter trabalhos publicados sobre o tema não é o suficiente para produzir transformações positivas e significativas na ação docente. É preciso que nas escolas de formação de professores se discuta mais sobre gênero, sexismo e sexualidade. E, para que as discussões sejam mais

consistentes, é importante que alunos e professores leiam o que vem sendo produzido no meio acadêmico. Já há mais pesquisadores interessados em estudar sobre o tema. Agora é necessário que esse interesse alcance os professores de Educação Física para que as boas idéias como as registradas em trabalhos citados nesta monografia possam se tornar realidade.

## Referências Bibliográficas

---

---

### Periódicos e Anais

ABIDALAD, Luciana S.; COSTA, Vera Lúcia de M. A participação feminina nos esportes na natureza: um vôo no universo do desafio e da Incerteza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. *apud* CHAGAS, Eliane P. Educação física: escola de...formação do corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.247-252, jun.1994.

ALTMANN, Helena. A Educação Física e a padronização dos corpos femininos. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.15, n.1, p.52, set.1993.

ALTMANN, H.; PILOTTO, F.; VIEIRA, P.; GOELLNER, S. O trabalho corporal como integrante do processo de resgate da auto-estima em mulheres vítimas de violência. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.15, n.3, p.269-270, jun.1994.

ALTMANN, H.; PILOTTO, F.; VIEIRA, P.; GOELLNER, S. Vivências corporais em mulheres em situação de violência. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.17, n.1,p.102, set.1995.

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.20, n.2, p.175-176, abr./set.1999.

\_\_\_\_\_. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.21, n.1, p.112-117, set.1999.

\_\_\_\_\_. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

ARAÚJO, Josean P. C. de. Corpo, Educação Física e Sexualidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

BERLEZE, Adriana. A influência do gênero nos motivos para a prática motora escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

BIAGGIO, Ângela M. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1985. *apud* ROMERO, Elaine. **Diferenças entre meninos e meninas quanto a estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação**. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.14, n.1, p.24-28, set.1992.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: **Cadernos Cedes**. ano XIX, n.º 48, Ago.1999.

BRUHNS, Heloísa T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.17, n.1,p.91, set.1995

CARDOSO, Fernando L. O gênero e o movimento humano. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.265-268, jun.1994.

CARVALHO, Sérgio. Influência de programas radiofônicos na mudança de atitude quanto a percepção da atividade física em escolares de ambos os sexos. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.13, n.1, p.221, set.1991.

CEMBRANEL, Claudete. A influência da mídia/televisão nas relações de gênero nas aulas de Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

CHAGAS, Eliane P. Educação Física: reflexo das concepções dominantes sobre o corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.13, n.3, p.370, jun.1992.

\_\_\_\_\_. Educação física: escola de...formação do corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.247-252, jun.1994.

CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual: essa nossa desconhecida. São Paulo: Brasiliense, 1988. *apud* CHAGAS, Eliane P. Educação física: escola de...formação do corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.247-252, jun.1994.

COICEIRO, Geovana A. O imaginário das corredoras de longa distância. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

COSTA, Elaine M. de B.; VENÂNCIO, Silvana. A exposição e a transmutação do corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.21, n.1, p.1636-1637, set.1999.

COSTA, Maria R. F. da; SILVA, Rogério G. da. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

\_\_\_\_\_. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença?. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.23, n.2, p.43-54, jan.2002.

DARONCO, Anderson; RECH, Cassiano R.; ETCHEPARE, Luciane S.; ZINN, João L. Comparação entre os níveis de aptidão motora de estudantes que praticam as aulas de Educação Física em turmas mistas e em turmas separadas nas escolas do ensino fundamental de Santa Maria – RS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica de las neurosis**. Buenos Aires: Paidós, 1965. *apud* MOTTA, Joaquim Z. B. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.2, p.31-38, jan.1998.

FERREIRA, José Luís. As relações de gênero nas aulas de Educação Física: o caso de uma escola em Campina grande- PB. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.1, p.117, set.1997.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Pro-posições-Revista quadrimestral da Faculdade de Educação/UNICAMP.Campinas,SP, v.14, n.3, p.89-102, set./dez.2003.

FOULCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987. *apud* CHAGAS, Eliane P. Educação física: escola de...formação do corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.247-252, jun.1994.

FREUD, A. **O Ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. *apud* MOTTA, Joaquim Z. B. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.2, p.31-38, jan.1998.

FREUD, S. **Obras completas** (edição standard brasileira). Rio de Janeiro: Imago, 1976. *apud* MOTTA, Joaquim Z. B. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.2, p.31-38, jan.1998.

GOLDEMBERG, Paulete et. alii. **Violência contra a mulher: uma questão de saúde**. São Paulo: Cortez, 1990. *apud* ALTMANN, H.; PILOTTO, F.; VIEIRA, P.; GOELLNER, S. O trabalho corporal como integrante do processo de resgate da auto-estima em mulheres vítimas de violência. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol.15, n.3, p.269-270, jun.1994.

GUATTARI, F. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. *apud* CHAGAS, Eliane P. Educação física: escola de...formação do corpo feminino. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.247-252, jun.1994.

GROSSI, Mirian P. et. alii. **A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre a mulher no Brasil**. Florianópolis: ABA, 1990. *apud* CARDOSO, Fernando L. O gênero e o movimento humano. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15, n.3, p.265-268, jun.1994.

GRUNENVALDT, Ana C. R. A Educação Física feminina: A beleza e o vigor a perspectiva da Escola Normal de Sergipe. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.1, p.117, set.1997.

KNIJNIK, Jorge D.; *et alii*. Mulheres e Esporte de Rendimento: implicações psicológicas e dimensões históricas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Lisboa: Moraes, 1975. *apud* MOTTA, Joaquim Z. B. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.2, p.31-38, jan.1998.

LEIRO, Augusto C. R. Políticas públicas e relações de gênero no âmbito do lazer. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1479, set.1999.

LIBONAT, Iris M. N. Gênero, magistério e poder na Universidade de Pernambuco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

LIESENHOFF, Karin. Geschlechtsmythen und Utopien im Sport. In: KLEIN, Michael (org.). Sport und Geschlecht. Reimbeck bei Hamburg: Rowohlt, p. 89-104, 1983. *apud* SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. A gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.226-234, jun.1994.

LISBOA, Maria G. da C. História de vida de mulheres idosas que vivem com alegria a terceira idade. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.1, p. 121, set.1997.

LUZ JUNIOR, Agripino A. Gênero e Educação Física: o que dizia a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

MACHADO, Patrícia R.; NOLLER, Cíntia; SANTOS, Edmilson S. dos. História desportiva familiar e participação feminina. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1626-1627, set.1999.

MARIN, Elizara C. Lazer da mulher camponesa: do vivido ao aspirado. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15, n.1, p.65, set.1993.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perpectiva, 1988. *apud* CARDOSO, Fernando L. O gênero e o movimento humano. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.265-268, jun.1994.

MELO, Cristiane K. de. A gestualidade dos corpos nas academias e seus contornos masculino-femininos. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.1, p.116, set.1997.

MELO, Victor A. de. Esporte e relações de gênero no Rio de Janeiro do século XIX: a participação feminina. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1637, set.1999.

MIRANDA, Anita S.M.R.; ANDRADE, Lucila R. Abordagem co-educacional de Educação Física no 3<sup>o</sup> grau: inovação pedagógica. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.9, n.1, p.27, set.1987.

MORENO, Andréa. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.25, n.1, p.55-68, set.2003.

MOTTA, Joaquim Z. B. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.2, p.31-38, jan.1998.

MOURÃO, Ludmila. O estado da arte da atividade física e esportiva da mulher brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

NEVES, Fernanda M. B. das. O jogo no cotidiano de um presídio feminino: “meio de sobrevivência e instrumento de adaptação”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

OLIVEIRA, Sandra R. de. A relação das mulheres que fazem parte da população economicamente ativa, casadas, que têm filhos, com o lazer. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1552, set.1999.

OLIVEIRA, Gabriela A. S.de. Mulheres comandando equipes esportivas de alto nível. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

PACHECO, Ana Júlia P.; CUNHA JÚNIOR, Carlos F. F. da. A mídia impressa e o 'futebol de saias' do Brasil: uma análise dos jogos olímpicos de Atlanta 1996. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.1, p.71, set.1997.

PARRA, Amparo. **Educação Humana Não-Sexista – por uma sociedade igualitária**. In: **Contexto e Educação**. Ijuí: UNIJUÍ, n.30, abr./jun., p. 9-14, 1993. *apud* SARAIVA-KUNZ, M. do C. A gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.226-234, jun.1994.

PASSINI, Maria Aparecida. Ideologia sexista nas atividades motoras de crianças das séries iniciais. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.17, n.1,p.50, set.1995

PEREIRA, Juliana M. A história do voleibol feminino em São José dos Campos: dados iniciais. In:**Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1628, set.1999.

PEREIRA, Laércio E. Participação da mulher brasileira no esporte. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.1,n.1,p.24, set.1979.

RAGO, Margareth. Mistérios do corpo feminino, ou das muitas descobertas do clitóris. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.61-69, set.1999.

REVUE INTERNATIONALE DES SCIENCES DU SPORT ET DE L'EDUCATION PHYSIQUE. **Spécial Activités physiques et genre**. STAPS, 2004, 66, 25-41.

ROMERO, Elaine. Estereótipos masculinos e femininos em aulas de Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.11,n.2,p.155, set.1990.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre estereótipos sexuais em professores de Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.13,n.1,p.216, set.1991.

\_\_\_\_\_. **Diferenças entre meninos e meninas quanto a estereótipos: contribuição para uma política de desmistificação**. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.14, n.1, p.24-28, set.1992.

\_\_\_\_\_. A educação física a serviço da ideologia sexista. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.226-234, jun.1994.

ROMERO, Elaine; COSTA, Simone; AROEIRA, Kallini P. Gênero e Dança na Educação Física escolar. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1615, set.1999.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. Estereótipos sexuais e Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15, n.1, p.48, set.1993.

\_\_\_\_\_. A gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.226-234, jun.1994.

\_\_\_\_\_. Gênero e co-educação. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.42, set.1999.

SAYÃO, Deborah T. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. In: **Pro-posições-Revista quadrimestral da Faculdade de Educação/UNICAMP**. Campinas, SP, v.14, n.3, p.67-88, set./dez.2003.

SCHARGARODSKY, Ariel. Los graffitis y los cânticos futboleros platenses: acerca del processo de configuración de diversas masculinidades. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.24, n.1, p.179-197, set.2002.

SCHMITZ, Roselei.; SAYÃO, Deborah T. Relações de gênero e infância: a prática de ensino de Educação Física numa abordagem investigativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. V.15, n.2, jul./dez.1990. *apud* TAFFAREL, C. Z. N.; FRANÇA, T. L. A Mulher no Esporte: o espaço social das práticas esportivas e de produção do conhecimento científico. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.235-246, jun.1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. V.15, n.2, jul./dez.1990. *apud* CARDOSO, Fernando L. O gênero e o movimento humano. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.265-268, jun.1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Guacira Lopes Louro. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. v.20, n.2, p.71-79, 1995.

SILVA FILHO, A. Carlos Pacheco. Perversões Sexuais: um estudo psicanalítico. São Paulo: EPU, 1987 *apud* CARDOSO, Fernando L. O gênero e o movimento humano. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.265-268, jun.1994.

SILVA, Maria Cecília de P. O esporte escolar no Brasil e a formação de homens fortes, corajosos, dóceis: um olhar histórico. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1633-1634, set.1999.

SINGER, June. **Androginia. Rumo a uma nova teoria da sexualidade**. São Paulo: Cultrix, 1990. *apud* SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. A gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.226-234, jun.1994.

SOARES, Carmen L.; Goellner, Silvana V. O elogio à diferença/ o avesso da segregação. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**.v.15,n.3,p.263-264, jun.1994.

SOUZA, Eustáquia S. de. A produção acadêmica brasileira sobre o gênero aplicado a Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15, n.1, p.87, set.1993.

\_\_\_\_\_. A Educação Física e a questão de gênero. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.17, n.1, p.9, set.1995.

\_\_\_\_\_. Meninos à marcha! Meninas à sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.17, n.1,p.109, set.1995

TAFFAREL, C. Z. N.; FRANÇA, T. L. A Mulher no Esporte: o espaço social das práticas esportivas e de produção do conhecimento científico. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.15,n.3,p.235-246, jun.1994.

TAVARES, Marcelo; FRANÇA, Tereza L. A co-educação: um enfoque alternativo nas aulas de Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.9,n.1,p.27, set.1987.

TIBÚRCIO, Larissa K. de O. M. O desvelar da corporeidade feminina. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1632, set.1999.

TIBÚRCIO, Larissa K. de O. M.; BEZERRA, Anna Paulla de C. Educação Física escolar e exclusão: uma reflexão sobre gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu/MG. **Caderno de programação científica e resumos**. Caxambu/MG: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2001.

URRUZOLA, M. J. Coeducar para el desarrollo físico. In: RAMOS GARCIA, J. (Coord.) **El camino hacia una escuela coeducativa**. Sevilla: Morón, 1998, p.203-206. *apud* MOTTA, Joaquim Z. B. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.19, n.2, p.31-38, jan.1998.

VOLPATO, Gildo; SHIGUNOV, Viktor. Posso brincar? Mas é jogo de menino ou menina?. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.21, n.1, p.1620, set.1999.

## **Livros, Dissertações, Teses**

AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Physica: o que ella é – o que tem sido – o que deveria ser. São Paulo e Rio: Editores – proprietários WEIZFLOG IRMÃOS, 1920.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Física e Desportos. Legislação desportiva. Brasília. s.d. *apud* CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 3ed. Campinas,SP:Papirus,1991.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 3ed. Campinas,SP:Papirus,1991.

DELAMONT, Sara. **Os papéis sexuais e a escola**. Tradução: Manuel Ruas. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física)

GOELLNER, Silvana V.- A produção cultural do corpo. In: GOELLNER, S.V.; LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.(Orgs)**Corpo, Gênero e Sexualidade:um debate contemporâneo**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2003. cap.2, p.28-40.

LOURO, Guacira L.- Currículo, Gênero e sexualidade- O “normal”, o “diferente”e o “excêntrico”. In: GOELLNER, S.V.; LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.(Orgs)**Corpo, Gênero e Sexualidade:um debate contemporâneo**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2003. cap.3, p.41-52.

MARINHO, Inezil P. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Brasil, [197-].

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: GOELLNER, S.V.; LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.(Orgs)**Corpo, Gênero e Sexualidade:um debate contemporâneo**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2003. cap.1, p.9-27.

SOUSA, Eustaquia salvadora de. **Meninos à marcha! Meninas à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)**. Tese (doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas - SP, 1994.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

## **CD-ROM**

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) digitalizada. Campinas, SP: CBCE, 2003.

**SITE**

BRASIL. Ministério da Educação: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ 96. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 05 dez. 2005.